

LISBOA, 25 DE DEZEMBRO DE 1941
N.º 32 — EXTRAORDINÁRIO DO NATAL
PREÇO: 1\$50

SILÊNCIO! HOJE É DIA DE NATAL!
Antigamente, era de alegria, era a
Festa da Família... Lembrem-se disto
os homens, quando a Morte paira sobre
o Mundo! Não façam barulho... Ao
menos hoje. Calem a voz do canhão...
Silêncio!
(Foto Serra Ribeiro)



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



Bom Gosto...

Não revela somente, quem oferece um elegante ramo de flôres. Também na escolha da casa para e execução dos seus trabalhos V. Ex.ª dá uma prova de BOM GOSTO.

Grandes Ateliers Gráficos

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

PRIMA PELA QUALIDADE
DOS SEUS TRABALHOS

FIXE BEM
trabalhos de

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET E
LITOGRAFIA

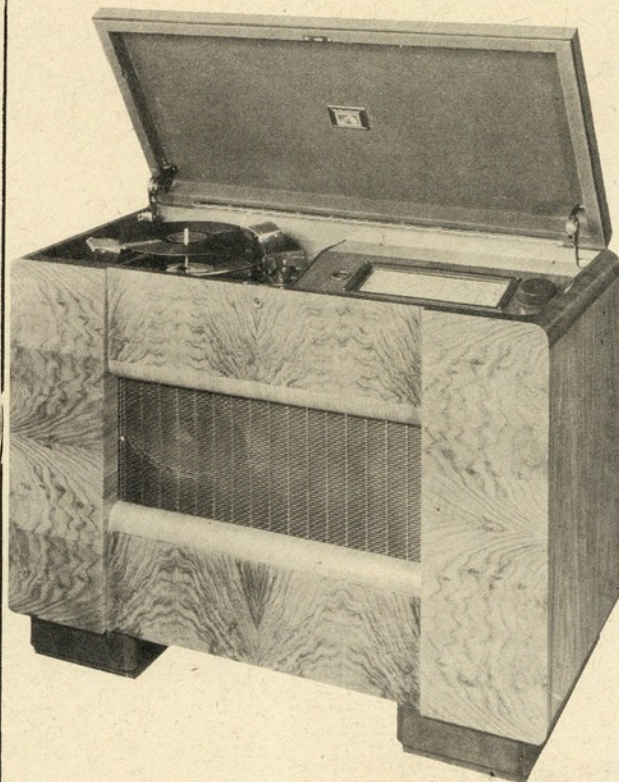
BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

Trav. da Condessa do Rio, 27 - LISBOA - Telef. P. B. X. 2 1368 - 2 1227

RÁDIO-GRAMOFONES

«HIS MASTER'S VOICE»

Únicos no mundo. O instrumento preferido pelos amadores exigentes



**O MELHOR RECEPTOR DE RÁDIO
CONJUGADO COM O MELHOR
REPRODUTOR DE DISCOS**

Estabelecimentos Valentim de Carvalho

97, R. N. do Almada, 99

LISBOA



UMA SESSÃO
HISTÓRICA NA
ASSEMBLEIA
NACIONAL



O PAÍS VIBROU, mais uma vez, de emoção patriótica em volta do seu Chefe, quando da notável exposição por êle feita, a propósito da violação do território português de Timor. E não cessa de mostrar, por tôdas as formas, a sua plena concordância com as palavras por êle pronunciadas na última reunião da Assembleia Nacional, de que damos, nesta página, alguns aspectos.



DE CIMA PARA BAIXO: O sr. Presidente do Conselho lendo o seu discurso. — Os deputados e os assistentes, nas galerias, aplaudem entusiasticamente o sr. dr. Oliveira Salazar. — Os membros do Corpo Diplomático e os jornalistas, antes de principiar a sessão. — No largo fronteiro ao Palácio de S. Bento, a policia tem dificuldade em conter a multidão entusiasmada que aclama o nome de Salazar, depois da transmissão do seu discurso através dos alto-falantes instalados no local.

O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA
SR. GENERAL OSCAR CARMONA
(Foto Armando Silva)





Professor OLIVEIRA SALAZAR

Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, à sua sábia e nobre política de rigorosa neutralidade sem faltar aos deveres que resultam da nossa secular aliança com a Inglaterra, tem devido Portugal não só conservar-se afastado do incêndio da guerra que alastra por todos os mares e por todos os continentes, como ainda tornar-se merecedor do alto apêço e do justo respeito do mundo inteiro. Mas agora que a soberania portuguesa se vê ameaçada pela invasão de um dos pontos distantes do nosso Império, invasão tanto mais incompreensível quanto é certo haver sido praticada contra um país não apenas neutro, mas também amigo e aliado. Salazar, pela firmeza com que soube defender os nossos direitos de soberania e se decidiu a fazer respeitar a grandeza do nosso destino histórico, tornou-se bem o homem providencial de que Portugal precisa nesta hora difícil, o chefe incontestado de todos os portugueses, o homem que reúne em si a vontade e a decisão de um país inteiro, neste transe crucial em que a cegueira dos homens põe em perigo a independência de uma nação oito vezes secular.

(Caricatura de Cândido Costa Pinto)

Figuras da Vida
MUNDIAL

Vida
MUNDIAL
Illustrated

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço de carga e passageiros

LINHA RÁPIDA DA COSTA ORIENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação em Luanda ou Lourenço Marques.



O paquete «Serpa Pinto»

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

LINHA DA GUINÉ — Saídas mensais regulares, com escala por: S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

LINHA DO BRASIL — Para Rio de Janeiro e Santos, com escala por Funchal e S. Vicente. **LINHA DA AMÉRICA** — Para Nova York.

FROTA

VAPORES DE PASSAGEIROS — «Serpa Pinto», 8.267 Ton.; «Mouzinho», 8.374 Ton.; «Colonial», 8.309 Ton.; «João Belo», 7.540 Ton. «Guiné», 3.200 Ton.

VAPORES DE CARGA — «Pungue», 6.290 Ton.; «Malange», 5.050 Ton.; «Lobito», 4.200 Ton.; «Sena», 1.420 Ton.

ESCRITÓRIOS

LISBOA

Rua Instituto Virgílio Machado, 14
(à R. da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO

Rua do Infante D. Henrique, 9
Telefone 2.342

A cura das doenças

PELOS MEIOS FÍSICO-NATURAIS

NO INSTITUTO DR. INDIVERI COLUCCI DE PAÇO DE ARCOS

Já aqui fizemos referência, mais de uma vez, a este magnífico Estabelecimento, onde se têm realizado, nos últimos anos, as mais extraordinárias curas de doenças crônicas e agudas, por processos que despertam, realmente, o maior interesse, pois se baseiam no simples emprêgo dos Meios Físico-Naturais, ou seja — com a absoluta e rigorosa exclusão de todo e qualquer medicamento químico.

A Imprensa diária de Lisboa e Pôrto está dando relevo a essas curas, publicando entrevistas com alguns dos doentes curados, e das declarações das pessoas entrevistadas ressalta a confirmação dos magníficos e imprevisíveis resultados daquela terapêutica especial, visto êles referirem-se a casos muito graves de enfermidades longas e inútilmente tratadas pela medicina e que tiveram a sua solução normal e fácil no Instituto Dr. Indiveri Colucci, em poucos meses de tratamento diário.

Entre essas enfermidades, que resistiram tenazmente a todos os ataques da medicação química e foram debeladas sem dificuldade pelo Processo Colucci, contam-se as peculiares às **Senhoras, as do sistema nervoso, as artríticas** (reumatismo, gôta, artério-esclerose, angina pectoris, etc.), as de pele, estômago, rins, fígado, coração, etc., bem como, o que é mais maravilhoso, a própria **sífilis**, cujas manifestações, mesmo as mais complicadas, cedem com relativa rapidez àquele método curativo, o que prova a terrível infecção curar-se pela Fisioterapia, quando associada esta a outros meios de combate que fazem parte do método em referência, o que não sucede com o uso do mercúrio, do arsênico e do bismuto, os quais, além de ineficazes, arrasam os órgãos digestivos e as veias, lesando gravemente as células e desequilibrando todo o sistema nervoso. Leia-se o interessante livro «A Natureza ao Serviço da Saúde», do jornalista António Gonçalves, de que é depositária a Livraria Bertrand, da rua Garrett, em Lisboa, no qual se demonstra, com valiosos documentos, a verdade do que acabamos de afirmar.

A venda



Número extraordinário 2.ª esc.

O número extraordinário do Natal — Reportagens de sensação — Magníficas páginas a cores
Ao preço de Esc. 2\$00 o exemplar
Distribuído por Agência Internacional/119 R. S. Nicolau/Lisboa/Apartado 373—Tel 26942

PAPEIS EM TODOS

OS GENEROS
E PARA TODAS

AS APLICAÇÕES

IMPRESSÃO // COUCHÉS
PLUMA // EDIÇÕES // JORNAL
PAPEIS DE EMBALAGEM
SACOS DE PAPEL
FIO DE VELA

CARTOLINA // CARTÃO // PAPELÃO
LIVROS COMERCIAIS // ENVELOPES
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

AMADOR A. DOMINGUEZ & C^a (FILHO)

ARMAZEM DE PAPEIS

RUA DOS CORREIROS, 70

LISBOA

Endereço Telefónico: PAPIRO

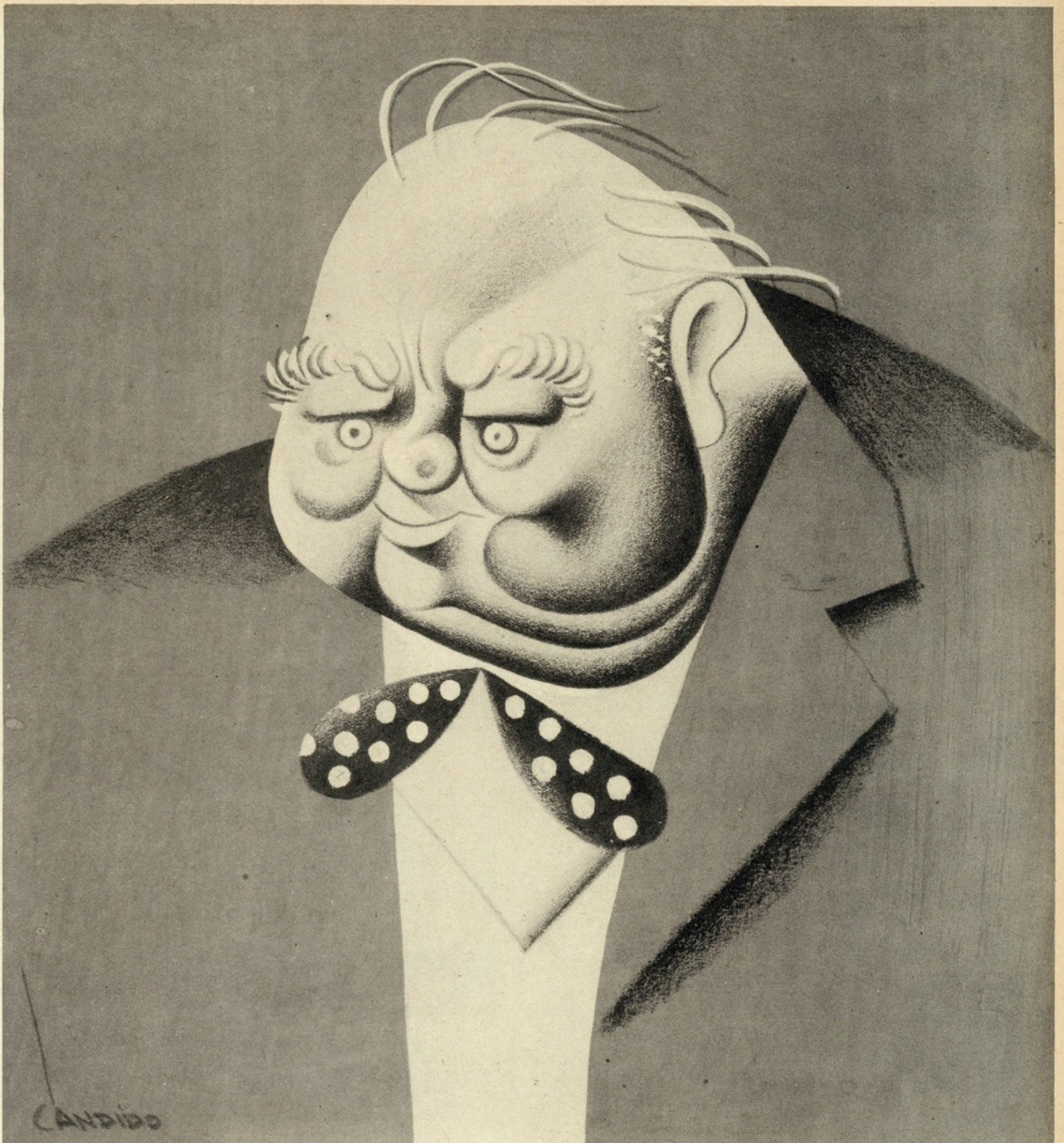
Telefone 25854



O MARAVILHOSO ESPECTO DA BARRAGEM DE FOGO das peças anti-aéreas que defendem uma cidade italiana.



PRESEPIO
desenho a carvão
por Baptista Rudy



Figuras da Vida
MUNDIAL

Churchill

PRIMEIRO MINISTRO
DA GRÃ-BRETANHA

VISTO POR CANDIDO COSTA PINTO



AS FILIPINAS, arquipélago de grandes riquezas naturais, foi um dos primeiros objectivos de guerra dos japoneses. A cana do açúcar é um dos produtos mais abundantes nos mercados indígenas e compete com o produto similar cubano



O CAIS DE MANILA foi sempre um dos mais importantes do Oriente. Por êle passaram os maiores barcos de carga de todo o Mundo.

É POSTO À VENDA BREVEMENTE O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO, «DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA». É UMA EDIÇÃO DE «VIDA MUNDIAL»

Vida MUNDIAL Ilustrada



CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drogarias

Garland, Laidley & C., Limited

Agentes gerais em Portugal das Companhias de Navegação:

BLUE STAR LINE:

Carreiras regulares de paquetes rápidos para os portos da América do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Passagens de 1.ª classe e carga de porão e frigorífico.

BOOTH LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa e os portos do Norte do Brasil. Passagens de 1.ª e 3.ª classes e carga.

CUNARD WHITE STAR LINE:

Carreiras entre Inglaterra e França e os portos da América do Norte. Os mais rápidos, maiores e mais luxuosos paquetes. Passagens de todas as classes e carga.

LAMPORT & HOLT LINE:

Carreiras de Inglaterra para os portos da América do Sul. Passagens de 1.ª classe e carga.

YEOWARD LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa, Ilhas Adjacentes e Canárias. Passagens de 1.ª classe e carga.

LISBOA: Travessa do Corpo Santo, 10-2.º

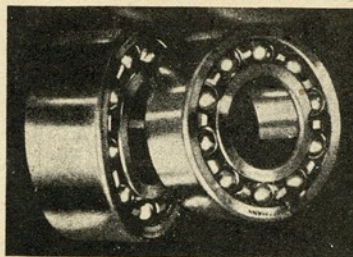
Telefone 2 3311/3

PORTO:

Rua Infante D. Henrique, 131

Telefone 348/349

Ender. Telegr. «GARLAND»



ROLAMENTOS HOFFMANN

SÓLIDA CONSTRUÇÃO INGLESA

A. BLACK, L.^{DA}

RUA DA BOA VISTA, 30/32

R. FERNANDES TOMAZ, 531

LISBOA

PORTO

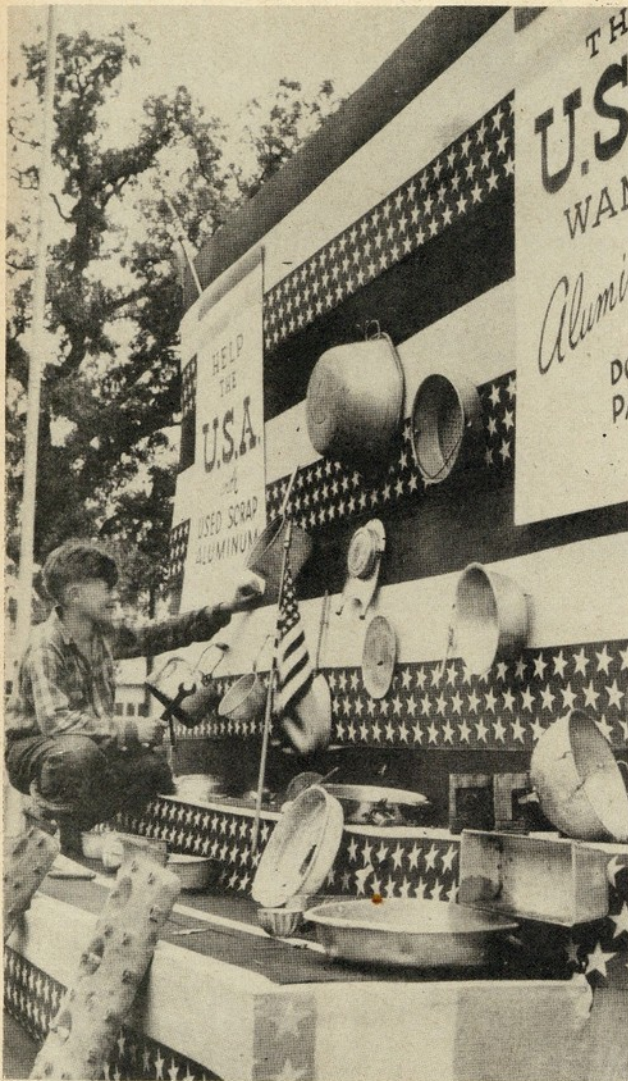
PRODUTOS ingleses:

- NA acidez gástrica — "ALKAGEN"
- amamentação — ALIMENTOS "ALLENBURYS"
- anemia — GLUCOSE "TORCH"
- constipação — PASTILHAS "ALLENBURYS"
- diabetes — INSULINA "A B"
- dispepsia — BIC. SÓDIO "TORCH"
- febre — TERMÓMETROS "HICKS"
- papeira ovina — "PLOUGH"

Representantes: COLL TAYLOR, L.^{DA}
RUA DOS DOURADORES, 29, 1.º — LISBOA



BAILADOS
Foto Horácio Novais



«A AMÉRICA PRECISA DE ALUMÍNIO» — dizem grandes cartazes colocados nas ruas das principais cidades dos Estados Unidos. E junto deles, homens, mulheres e crianças vão depositar as peças daquele metal que não fazem falta em suas casas. Os americanos não ignoram que um avião moderno precisa de 90 % de alumínio para a sua fabricação.



«A AMÉRICA PRECISA...» — diz o cartaz. E mais não é necessário para que ele aflua de todos os lares e se junte aos montes, em toda a parte.

Casada Malas

FUNDADA EM 1887

CARTEIRAS, SACOS PARA SENHORA. TODOS OS ARTIGOS DE VIAGEM E MONOGRAMAS

JOAQUIM DA SILVA & FILHOS

110, RUA DA PRATA 112 e 114

SUCURSAL-RUA DO OURO 180 e 182

TELEF. P. B. X. 2 0659 LISBOA

Union Assurance Society Limited

SOCIEDADE INGLESA DE SEGUROS

Fundada em Londres em 1714

Agentes Gerais em Portugal:

ROCHA & OLIVEIRA

RUA DOS BACALHOEIRO, 139-1.º — LISBOA

TELEFONES 2 8082 A 28084

TELEGRAMAS: CAIALA

Sub-Agência no Norte:

RUA DE SANTA CATARINA, 130 — PORTO

BANQUEIROS:

Fonseca Santos & Viana — LISBOA

Midland Bank Ltd. — LONDRES

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

LISBOA

Capital. Esc. 22.000.000\$00

Fundo de Reserva Esc. 48.800.000\$00

Filiais: Pôrto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã.

Agências: S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos e Torres Vedras

Dependências: Alcântara, Poço do Bispo, Conde Barão e Almirante Reis

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Bucknall & Wright

CORK EXPORTERS

TELEFONES 23043 e 23044 — CABLES: LANKCUB

LARGO DO CORPO SANTO, 28, 2.º

LISBOA

POLÍTICA do ATLÂNTICO

Um depoimento de José Osório de Oliveira sobre as relações culturais luso-brasileiras

por *Castro Soromenho*

A literatura brasileira encontrou em José Osório de Oliveira um dos seus mais categorizados propagandistas em Portugal. Através da sua obra, mais de uma dúzia de volumes, o autor da «História Breve da Literatura Brasileira», enaltecida pelos críticos brasileiros, nunca perdeu uma só oportunidade para falar do Brasil literário. Desde o ensaio, à crítica e ao simples apontamento literário, Osório de Oliveira tem contribuído de maneira notável para melhorar e ampliar as relações culturais luso-brasileiras.

Por todas estas razões, o autor de «Espelho do Brasil» estava naturalmente indicada para nos falar da «Política do Atlântico».

Osório de Oliveira diz-nos:

A LITERATURA BRASILEIRA E OS CRÍTICOS

—O estudo da evolução histórica da literatura brasileira impõe-se como uma necessidade, quasi como uma medida preventiva contra a precipitação de certos críticos. Começou para aí a escrever-se sobre a literatura do Brasil, partindo do conhecimento exclusivo das obras mais recentes. Ora se a conclusão da minha «História Breve» é precisamente esta: que «com os escritores da hora actual o Brasil se descobre a si próprio e se exprime, enfim, livremente, senhor de uma literatura absolutamente brasileira», é preciso saber situar esses escritores na cadeia de que são um elo, para bem os compreender. Essa «literatura absolutamente brasileira» de hoje é o resultado de uma evolução histórica, sem o conhecimento da qual não se pode fazer uma ideia exacta do que significam os escritores cujas obras aparecem agora nas monstrosas das nossas livrarias. Não se pode, sobretudo, apreciar aquilo que especialmente os caracteriza: a «conquista definitiva de um carácter nacional», que é o resultado de uma «lenta conquista» — para empregar expressões minhas que tiveram aceitação no Brasil. Assim como, há anos, se falava de Olavo Bilac e de Coelho Neto isoladamente (nem de Machado de Assis e de Euclides da Cunha se lembravam os críticos de então), fala-se, hoje, de Manuel Bandeira, Jorge de Lima ou Ribeiro Couto e de José Lins do Régio, Jorge Amado ou Erico Veríssimo; não se fala da literatura brasileira. Mas como haviam de fazê-lo, sem perigo de error, os nossos críticos, tão imperfeitamente informados, embora tão seguros da infalibilidade dos seus juízos? Livro brasileiro que lhes caia nas mãos, julgam-no logo, sem conhecer nada de quanto o precedeu. É como se um brasileiro se pusesse a criticar um romancista português da hora actual, ignorando Eça de Queiroz.

ESCASSEZ DE ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO

—Os estudos brasileiros encontram um grande obstáculo em Portugal: a falta ou escassez de elementos de consulta e de informação. As nossas bibliotecas principais, pelo menos a

Biblioteca Nacional, a municipal do Pórtio e a da Universidade de Coimbra, deviam possuir tudo, mas absolutamente tudo quanto é necessário para o completo conhecimento do Brasil. Só assim os estudiosos portugueses poderiam tornar-se brasileiros competentes, deixando de ser, como são quasi todos, meros curiosos ou imperfeitos amadores de assuntos brasileiros. A culpa, aliás, não é deles, e pode, mesmo, dizer-se que, de um modo geral, não lhes falta boa vontade. Mas onde poderão encontrar, e já não digo adquirir, todas as obras necessárias e até, mesmo, as que são fundamentais? Se eu tenho podido fazer alguma col-

leção da Faculdade de Letras de Lisboa, Manuel de Sousa Pinto, deixou a sua brasileira, segundo creio, à Academia das Ciências, e essa brasileira devia ser bastante boa; duvido, porém, que funcione como instrumento útil de trabalho, já não digo emprestando livros, mas com catálogo próprio, impresso, com anotações, para servir de guia aos leitores. Na Faculdade de Letras de Coimbra sei que há uma sala «Ruy Barbosa», antiga sala «Brasil», e que nela funciona um Instituto de Estudos Brasileiros que, graças à devoção do professor Rebelo Gonçalves, vai publicar uma revista: «Brasília». É alguma coisa já, mas falta

essa literatura reflecte. Dir-me-á que à literatura compete revelar tudo isso, e que, portanto, bastará ler essa literatura — o que é verdade para o simples leitor, mas não para o estudioso, para o crítico da literatura, por exemplo, que procura saber, precisamente, porquê, como e porque razão a literatura manifesta isto ou aquilo. E quem diz a literatura, diz o pensamento em todas as suas formas, diz a poesia culta ou folclórica, diz a música erudita ou popular, diz a pintura de um Portinari ou as esculturas e as igrejas do Aleijadinho, diz as velhas cidades setecentistas de Minas Gerais e as casas grandes dos senhores de engenhos de Pernambuco, diz, enfim, toda as manifestações próprias dos estilos de vida do Brasil. Ora isso só se pode conhecer capazmente visitando o Brasil.

O ACÓRDO CULTURAL LUSO-BRASILEIRO

—Aplaudo e felicito-me, como português e como meio-brasileiro pelo coração e pela sensibilidade, como luso-brasileiro que me considero, pela conclusão do Acordo Cultural. Estou certo de que António Ferro, com o seu conhecimento do Brasil, que não é de agora, previu a ida de estudiosos portugueses das coisas brasileiras ao país irmão, e não como «reporters» apressados, mas como investigadores atentos e já, de algum modo, preparados, isto é, como pesquisadores da vida, da alma e do génio dessa nação, sem o conhecimento da qual não se pode ser verdadeiramente português.

P. S. — O jornalista que discordou de Consiglieri Pedrosa — referido na entrevista que o illustre escritor e poeta João de Barros concedeu a «Vida Mundial Ilustrada» sobre a «Política do Atlântico» — foi José Barbosa, figura de relevo no jornalismo e na politica do nosso país, parlamentar e ministro da República, autor de um trabalho, muito apreciado, onde tratou largamente da aproximação luso-brasileira. — C. S.



José Osório de Oliveira

sa, devo-o, em grande parte, às circunstâncias de que beneficiei, ou seja ao facto de dispor de uma biblioteca brasileira, que está longe, aliás, de ser completa.

«Entendo que a medida mais útil e eficaz para tornar o Brasil conhecido em Portugal é a criação de uma biblioteca brasileira em cada uma das três cidades universitárias. Uma biblioteca — entendamo-nos — que seja um centro de estudos e de investigações, mais do que um local de recreação; uma biblioteca que empreste os livros aos estudiosos, para que eles possam trabalhar nos seus gabinetes. O escritor e professor da cadeira de Estudos Bra-

zileiros, e não basta o conhecimento livreiro, adquirido a distância. Não se pode compreender exactamente a literatura de um país como o Brasil, se não se fizer uma ideia da sua vida social, da psicologia do seu povo, dos seus ambientes geográficos, das modalidades da língua falada, de todas as peculiaridades características que

É PRECISO CONHECER O BRASIL

—É claro que não basta o conhecimento livreiro, adquirido a distância. Não se pode compreender exactamente a literatura de um país como o Brasil, se não se fizer uma ideia da sua vida social, da psicologia do seu povo, dos seus ambientes geográficos, das modalidades da língua falada, de todas as peculiaridades características que

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO

Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Garrett, 80, 2.ª — Lisboa — Tel. 25844

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Contínente e Ilhas: 3 meses (12 números): 11\$00; 6 meses (24 números): 22\$00; 12 meses (48 números): 43\$00.

África: 12 meses (48 números): 60\$00.

Estrangeiro c/convenção: 12 meses (48 números): 65\$00; estrangeiro s/convenção: 12 meses (48 números): 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.ª — Tel. 26942.

VISADO PELA COMISSÃO

DE CENSURA

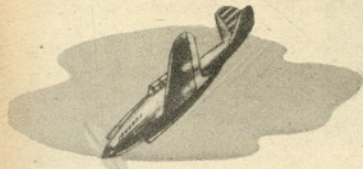
Vida
MUNDIAL
Ilustrada



OS ARTISTAS, EMPREGADOS E COLABORADORES da empresa do Coliseu dos Recreios reuniram-se há dias num almoço de confraternização para festejar o êxito da peça que ali se exhibe actualmente e homenagear o empresário Ricardo Covões pelo seu esforço a favor do ressurgimento do teatro de opereta em Portugal. (Foto J. Garcia)



RÁDIO
AS NOTÍCIAS
CHEGAM VELOZES
PELOS
CAMPEÕES DO AR



VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO!
VEJA OS
NOVOS MODELOS — 1942

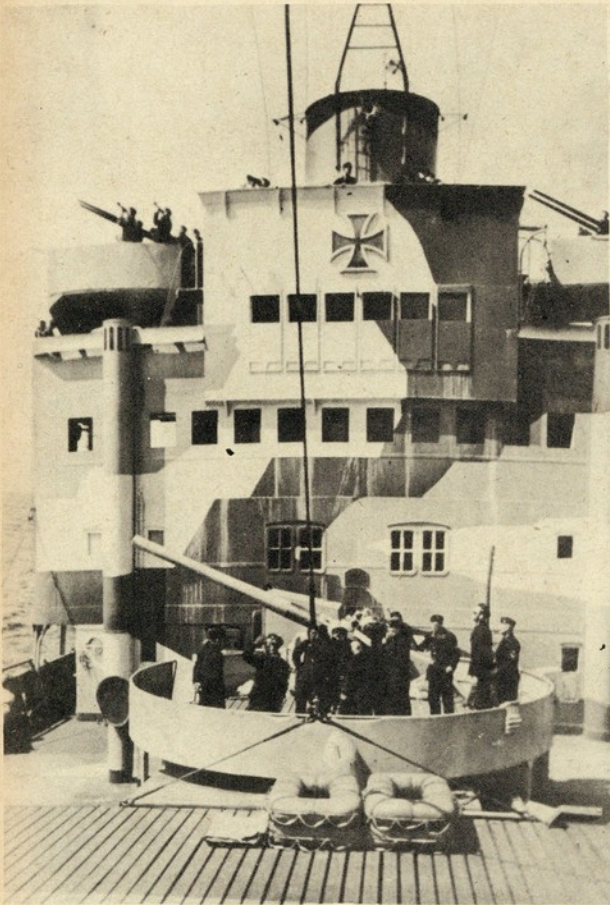
THOMSON
GENERAL  ELECTRIC

PORTUGUESA, L.^{da}
 Rua do Norte, 5 — LISBOA
 Telefones 28135 28136



O PETRÓLEO DA AMÉRICA

Esta página dá-nos um impressionante aspecto dum dos campos petrolíferos da América do Norte. Quatrocentas mil tórres elevam-se dos poços de petróleo dos Estados Unidos donde extraem, por ano, mais de mil milhões de barris do precioso líquido. Esta é uma das mais importantes reservas da América: o Hemisfério Ocidental produz 68 % do petróleo de todo o Mundo.



A BORDO DUM NAVIO DE GUERRA alemão, houve sinal de alarme. A tripulação corre a tomar lugar junto das suas peças. Está tudo a postos para o combate contra aviões ou contra navios de superfície inimigos.



LANÇA MINAS alemão faz rumo ao Báltico, a caminho de águas onde paira a esquadra russa, para uma operação difícil.

É POSTO À VENDA BREVEMENTE O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO, «DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA».

É UMA EDIÇÃO DE «VIDA MUNDIAL».

FUNDIÇÃO TIPOGRÁFICA GINI

E

FUNDIÇÃO TIPOGRÁFICA PORTUGUESA, L.^{DA}

DE Manuel Guedes, L.^{da}

A MAIOR ORGANIZAÇÃO FABRIL NACIONAL DE FUNDIÇÃO DE TIPO

Sede, Escritórios e Armazens Gerais:

RUA NOVA DA PIEDADE, 62 a 62-B

TELEFONE 25928

LISBOA

J. NUNES DA SILVA

AGENTE DEPOSITÁRIO DE

VINHOS DA MADEIRA

H. P. Miles & C.^a L.^{da}

VINHOS DO PORTO

NIEPOORT

VINHOS ESPUMANTES NATURAIS

IRMÃOS UNIDOS

RUA DO CORPO SANTO, 16, 1.^o

Telefone 25498

LISBOA-PORTUGAL

FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVEM

A maior Fábrica de Cerâmica fina da Península

FUNDADA EM 1850

Loiça de uso doméstico — Loiça de fantasia — Loiça sanitária: Retretes, bidés, lavatórios, etc. (branca, creme, azul, verde, preta, etc.) — Azulejos: brancos, de côr e pintados — Mosaico Cerâmico: grande variedade de padrões — O pavimento sem rival para cozinhas, quartos de banho, terraços, hospitais, estabelecimentos de venda, etc.

ARTIGOS DE 1.^a QUALIDADE

Séde e Vendas: Avenida da Liberdade, 49-59

LISBOA

CABELEIREIRO

J. M. Barros d'Oliveira

PENTEADOS DE SENHORAS—ONDULAÇÃO
APLICAÇÕES DE TINTURA

TOUPETS DE ARTE // RISCA ENIGMA

POSTIÇOS DE CABELOS EM TODOS OS GÉNEROS

PERFUMARIAS E DIVERSOS ARTIGOS

MANUCURE E MASSAGENS

RUA DO LORETO, 37, S/Loja

LISBOA

Telefone 21603



ARCO IRIS
SOBRE O RIO
Foto Armando Seródio



DUAS POVOAÇÕES — uma, portuguesa; outra, espanhola — olham-se através do Guadiana. No primeiro plano, a vila de Alcoutim; no segundo, San Lúcar
(Foto Tomé Vieira)

4-41



Um só movimento...

... E ESTÁ TIRADA A FOTOGRAFIA...

... COM ESTA MÁQUINA "Eta", DE MANEJO FACÍLIMO. É TÔDA METÁLICA E CUSTA APENAS 150 \$00 COM ESTOJO E TRÊS ROLOS DE PELICULAS

Ferrania

REPRESENTANTES

J. C. ALVAREZ, L.^{DA}

Tudo para Fotografia e Cinema

205. R. Augusta, 207 - LISBOA

O
MELHOR
PRESENTE
DO
NATAL



Ex.^{ma} Sr.^a:

Não nos propomos dar a conhecer os benefícios higiénicos dum **ASPIRADOR DE PÓ** ou duma **ENCERADORA** por aqueles serem já sobejamente conhecidos por V. Ex.^a.

Apenas queremos lembrar que êstes auxiliares domésticos são **O melhor e mais útil presente do Natal** que o Marido de V. Ex.^a lhe pode oferecer, adquirindo-os na

ELECTROLUX LIMITADA

LISBOA
Av. Liberdade, 141
Telef. 28246

PÔRTO
Pr. Liberdade, 123
Telef. 2033

Vida
MUNDIAL
Lisboa

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

NÃO é a primeira vez que escrevo estas palavras. Pelo contrário, elas me ocorrem todos os anos nesta quadra. O Natal, festejando o nascimento duma criança, é, acima de tudo, a festa das crianças. Sobre o seu pequenino berço de palha, o Menino Jesus não significa mais do que um símbolo de candura e de esperança, virtudes que não são, positivamente, apanágio das pessoas crescidas. Em boa verdade certos costumes habituais nesta época — o sapato na lareira, o presépio, a chegada do Pai-Natal — não passam, no fundo, de criações caracterizadamente infantis. Entretanto, talvez por isto mesmo, quando chega o Natal, nós temos — ou pelo menos devemos ter — a impressão de que recuamos no tempo; de que os nossos cabelos brancos voltam a ser pretos ou loiros; de que nos envolve uma imprevisível auréola de juventude; e de que os nossos filhos, com as suas ilusões e as suas faldas, os seus brinquedos e os seus sonhos, não são mais, em relação à idade, do que nossos irmãos mais novos...

Só por isto, bendito seja o Natal!

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

A Academia das Ciências homenageou, há pouco, a memória de Leite de Vasconcelos, homem cuja obra é um vasto monumento de saber e cuja vida é uma nobre lição moral. Fortunato da Fonseca, que não era pródigo em elogios, dizia dele:

— É verdadeiramente Leite... sem água!

RICARDO COVÕES

DIZ-SE que os japoneses declararam guerra a Ricardo Covões, conhecido empresário do Coliseu dos Recreios.

— Porquê? — perguntar-se-á.

— Por causa da *Viúva Alegre*.

— Mas...

— Sim, porque a *Viúva Alegre* para o Covões tem sido um autêntico negócio da China!

NAPOLEÃO

POR volta de 1810, Napoleão e Maria Luíza visitaram várias cidades setentrionais do império francês. Para celebrar esta visita, o burgomestre de certa cidade da Holanda mandou erger numa das praças um arco de triunfo e pintar, em evidência, um grande letrero com estes versos: *«Il n'a pais fait une sottise, en épousant Marie Louise!»* Napoleão leu isto e pouco depois mandou chamar o burgomestre:

— Diga-me: faz versos?

— Imediatamente êle, numa respeitosa mesura:

— As vezes, «sires», quando estou aborrecido!

ARTE DE PENSAR

O dr. Mário Gonçalves Viana, espírito de sólida cultura, acaba de me enviar o seu último volume: *Arte de Pensar*. Li-o dum fôlego, tanto interessam aquelas duzentas páginas de rara clareza. Oxalá que este livro se divulgue para que comecem a pensar os que nunca pensaram coisa alguma e principiemp a pensar melhor aqueles que, infelizmente, não pensam bem...

PAPÁ MARCELO



Uma bela noite, há anos, precisamente na véspera do Natal, o dr. Marcelo Caetano pagou num dos seus sapatos, sacudiu-lhe a poeira e colocou-o na chaminé. Dormiu alvoroçado toda a noite. Mal rompeu a manhã, levantou-se dum pulo, enfiou, à pressa, um pijama e correu à cozinha. Qual não foi o seu espanto quando viu junto do sapato uma borla e um capelo de doutor. Absorto, deslumbrado, atirou o capelo aos ombros, enfiou a borla na cabeça — e foi-se contemplar ao espelho. Aquilo ficava-lhe bem! Veio a família, vieram os amigos, vieram os admiradores — em regra, os nossos maiores inimigos — e o acontecimento foi celebrado como merecia. Pois bem. Desde essa noite memorável, nunca mais veio um Natal que Marcelo Caetano não pusesse o seu sapato na chaminé e — facto extraordinário! — nunca mais o favor dos Deuses deixou de colocar junto daquele sapato venturoso dádivas magnânimas. Decerto que as merece. Mas, até porque os Deuses nem sempre se mostram justos na sua distribuição, quere-nos parecer que Marcelo Caetano tem sido particularmente feliz, vendo reconhecida a justiça a que as suas qualidades têm indiscutível direito. A sua carreira tem sido rápida e gloriosa. Tendo conseguido harmonizar a cátedra de Direito com o Commissariado da Mocidade Portuguesa, quere dizer, tendo realizado o prodígio de conciliar duas coisas, pelo menos aparentemente opostas — o Direito e o bastão — Marcelo Caetano revelou-se um diplomata arguto e equilibradíssimo. Alegre, risonho, bom rapaz, sem a basófia empanturrante de outros com muitos menos merecimento do que êle, conseguiu, como chefe da Juventude, ser o mais velho de todos os mais novos — sem deixar de ser o mais novo de todos os mais velhos. Este ano o Pai-Natal delegou nêle uma missão: a de distribuir brinquedos pela mocidade portuguesa. Estamos já a vê-lo, de barbas, enfiado num largo capuz branco, um alforje no ombro, um bordão de peregrino na mão, cumprindo o seu designio, com a radiosa alegria duma grande criança. Daqui me curvo perante a sua figura bonacheira, acenando-lhe de longe, com o meu lenço amigo:

— Adeus, ó Caetano!

A VELHICE DE SHAW

BERNARD Shaw teve a sua residência durante muitos anos numa amena aldeia de Hertfordshire. Preguntaram-lhe um dia porque ficara ali, naquela terra sem atractivos. Respondeu, não hesitando:

— Um dia, percorrendo acidentalmente esta aldeia, nos acasos duma viagem, vi no cemitério uma lápide em que estavam escritas estas palavras: «Morreu com noventa anos. A sua existência foi curta». Uma terra em que aos noventa anos se julga a existência curta, é uma terra que convém à minha quasi centenária mocidade.

O MUNDO

ESTE Mundo é realmente paradoxal. As mulheres têm medo dum rato e os homens têm medo das mulheres — que têm medo dêsse rato...

O CAÇADOR

O actor Alvaro Pereira, o «compères» de tanta revista de êxito, foi uma vez à caça. Andou por lá o dia todo. A noite, regressou trazendo um pato a tiracolo.

— Vêem? Matei um pato...

— Bravo?

Logo o nosso Alvaro:

— Bravo era o dono!

DISTRAÍDOS

O conselheiro Barjona de Freitas, que foi ministro várias vezes, tinha distrações fantásticas. Um dia encontrou um amigo e perguntou-lhe amavelmente pela mulher.

— Eu não sou casado, senhor conselheiro...

Logo Barjona:

— Ah! Sim! Então sua mulher ainda está solteira?

MARIDOS E MULHERES

HOUVE um actor, em Lisboa, de quem se dizia que batia amiudadamente na mulher. Certa ocasião um colega admoestou-o. O outro retorquiu:

— E tu nunca batestes na tua?

— Nunca.

E acrescentou, com vaga tristeza:

— Mesmo porque se lhe quisesse bater, ela chegava-me...

GEMEOS

UM criado que estava, há muito tempo, num restaurante explicava a outro criado que entrara de novo, apontando um comensal, a um canto, sentado numa mesa:

— Vês aquele senhor que está sentado na mesa 15. Tem um irmão gêmeo e são tão parecidos um com o outro que só se distinguem por isto: êste é surdo como uma porta... Vais ver como eu o trato... Aproximaram-se os dois da mesa e o criado mais velho disse com voz entoad de tom natural mas galhofeira:

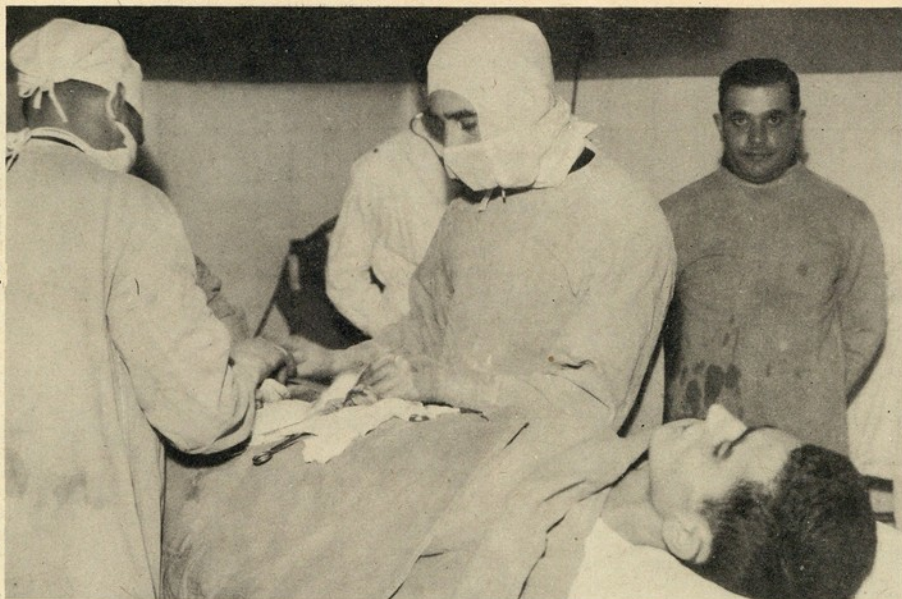
— Que queres comer hoje, meu malandro?

— Um bife com batatas fritas — respondeu logo o freguês... E, a propósito, o surdo é o meu irmão...

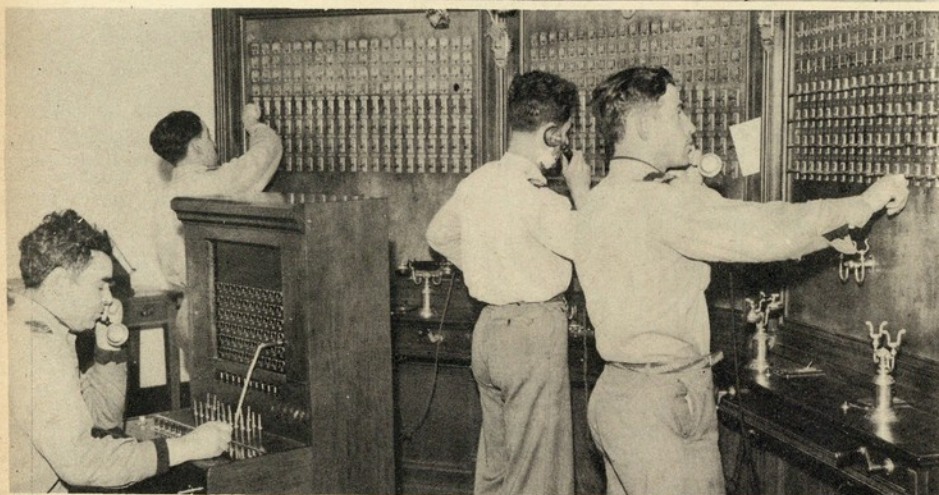
Luís S. Oliveira

O natal dos que não têm natal

reportagem de Lança Moreira



No Hospital de S. José, opera-se.



ULTIMOS retoques no presépio... Ali, as palhinhas que hão-de receber o Jesus Menino, são ajeitadas. Mais além, a estrela de alva, a sobressair no céu azul, indica o caminho dos reis Magos, que de longe vêm, opulentos, trazer suas oferendas e protestos de submissão.

O presépio está pronto!... Mãos cá-rinhosas o ergueram, lhe deram forma e expressão.

Está frio, um frio que mais convida cada um a recolher a casa, a procurar o hábito quente dos seus.

Vai correr-se o reposteiro que encobre o presépio, dos olhos ávidos de o contemplar. Momento grandioso... Há emoção nos rostos e satisfação profunda nas almas...

A noite de Natal atinge o seu ponto Na Central dos Bombeiros, todos estão de prevenção.



No café, o criado olha a sala vazia.



Na muralha do Tejo, o guarda-fiscal vigia...

culminante.

Consoada... O vinho, o licor, o espumante, borbulham nos copos, em delírio...

...E o estrépito das rólhas que saltam, confunde-se com as notas de música, que irrompem dos altos falantes, da T. S. F. ou da simples e clássica gramofona...

Quem tem alegria, expande-a, sente-a, vive-a...

E quem não a tem? Porque a vida não lhe corra de feição, ou porque imposições e deveres imperiosos, levem a não compartilhar dos momentos admiráveis duma noite de Nata?

Uns pensam na felicidade dos outros, esquecendo nessa preocupação a sua própria infelicidade. Há os que nem querem ouvir falar em Natal; há até — insensibilidade real ou aparente? — os indiferentes; e existem também, os resignados, os que forçados a trabalhar nesse noite, afogam no seu trabalho a recordação dum rosc de criança, dum beijo de mãe, dum afago de esposa... Não têm Natal, melhor, o Natal pode florir apenas no íntimo, se o espírito está de facto liberto de mazelas...

O Natal dos que não têm Natal... Ora aqui está um tema sugestivo e curioso. E vasto. Mas que tem de caber numa reportagem de meia dúzia de linhas. Vamos vêr como é o Natal dos que o não têm.

O leitor pode acompanhar a digressão.

Hospital de S. José. Entrámos no Banco. O cheiro característico, que perturba e prespõe desgraça em cada doente que chega.

- O médico de serviço?
- Está numa operação...
- Pretendia falar-lhe...
- Mas isso é impossívell... Em todo o caso vou ver se a operação já começou...

Uns segundos de espera. De bata branca — consagrado hábito — tenho na minha frente, o dr. Baptista de Sousa. Exponho-lhe o meu objectivo.

— O Natal do médico, meu amigo, do médico de serviço ao Banco, é este:

(Continua na pág. 47)



Na taberna, há vinho e tristeza.



No «Diário de Notícias», escreve-se



No Coliseu, há balbúrdia fora da cena.



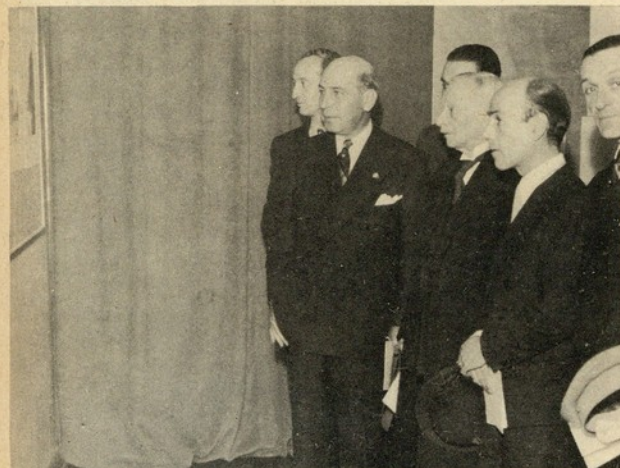
Na Companhia dos Telefones, atende-se...



A LIGA PORTUGUESA DE PROLIFAXIA SOCIAL foi homenageada com uma sessão solene na Sociedade de Geografia, de que damos, em cima um aspecto.



A ESCRITORA Oliva Guerra durante o recital que organizou na Casa da Itália



O CHEFE DO ESTADO e o Ministro da Educação Nacional assistindo à inauguração da exposição de Carlos Carneiro, no estúdio do S. P. N.



Agência Internacional

de Livraria e Publicações, L.da

Fundada em 1929

SÉDE:— 119, Rua de S. Nicolau — LISBOA
— Apartado 373 — Telefone 26942 —

DISTRIBUE EM EXCLUSIVO AS PUBLICAÇÕES
DE MAIOR VENDA EM PORTUGAL

NO SERVIÇO ALEMÃO

Berliner Illustrierte
Das Illustrierte Blatt
Das REICH
Der ADLER
Die Wehrmacht
Hamburger Illustrierte
Illustrierte Beobachter
Kölnische Illustrierte
S I N A L

EM PUBLICAÇÕES DE MODAS

tôdas as revistas editadas por
«SOORA» Societé Graphique Éditions
Mode — Viena

NO SERVIÇO ITALIANO

TEMPO

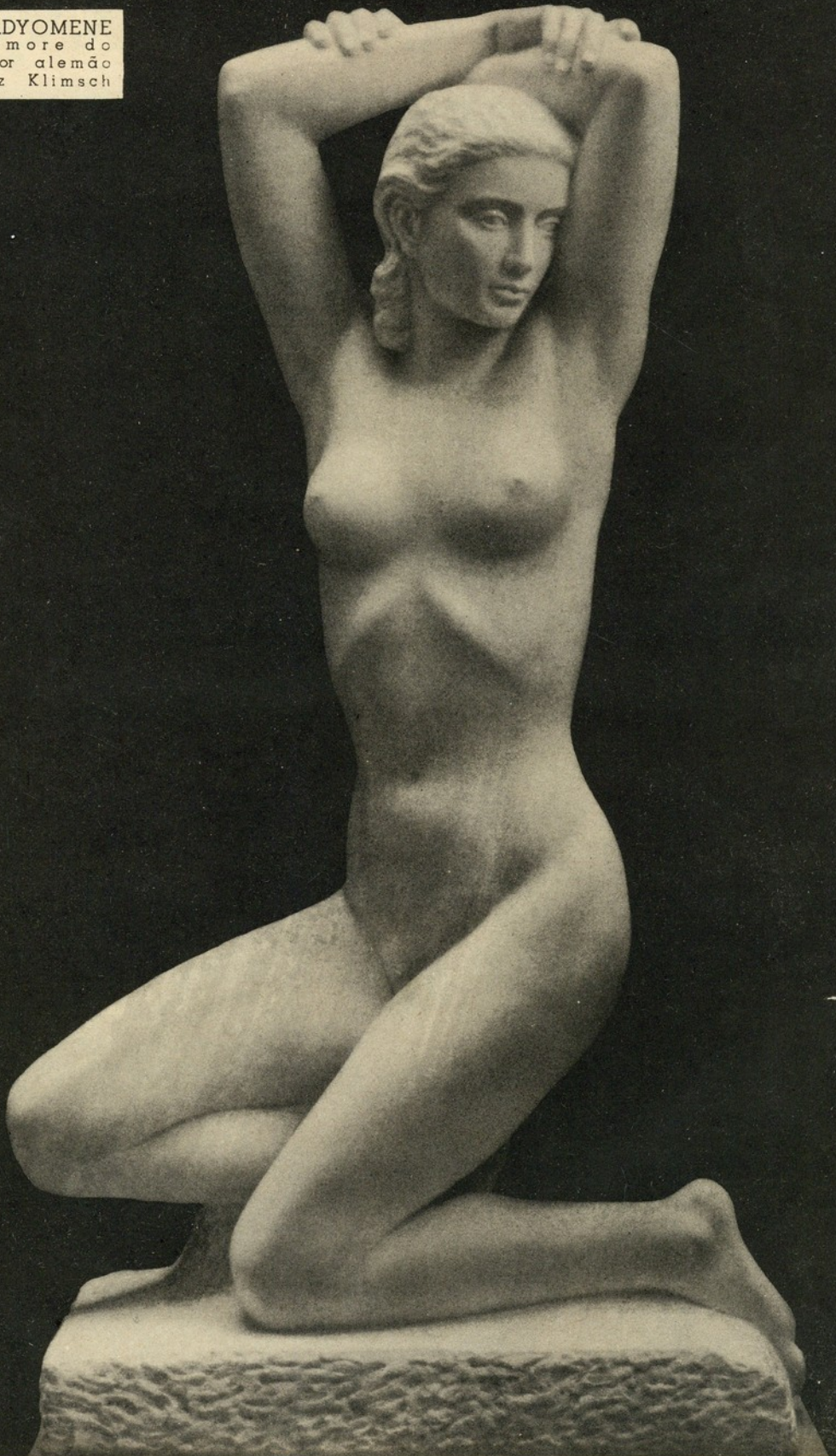
NO SERVIÇO PORTUGUÊS

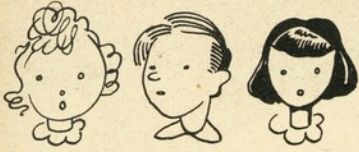
Arquitectura e Cerâmica Portuguesa
Defesa Nacional
O Mundo Português
*Edições do Secretariado de Propa-
ganda Nacional*
Stadium
VIDA MUNDIAL
VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DELEGAÇÕES em Coimbra, Porto e Sevilha
AGÊNCIAS em todo o Continente,
Ilhas e Colónias

DOZE ANOS DE EXPERIENCIA

ANADYOMENE
Mármore do
escultor alemão
Fritz Klimsch





CRIANÇAS

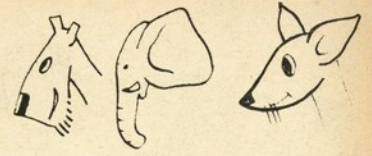


Colaboraram nesta página os pequeninos:

Maria Drosinski, Maria Eugénia Beltran Pepe, Margarida Vinta, Dedi Diesendruck, Francisco Manuel Bacelar Begoña, Kias Lindstrand, Tore Lindstrand, Gudrun Kosth, Ostrom Kosth, José Miguel Correia Guedes, Ana Maria da Silva Infante, José Fernandes Alves Infante, Aurora Campos Esperança, José António Campos, Maria Antónia Genis Gorgon, Mirella Lepori, Ebe Lassaro, Maria Alexandrina Gomes Santana, António, Madalena e Teresinho Enes da Lage Raposo, Mariana Castilho Orey, Madalena e Maria Isabel Viana Lachau, Agela Veleze, Maria José Vieira Lisboa, Maria Helena e Maria do Carmo Guedes Monteiro, Maria Isabel e Maria João Bleck, José Caitano, Maria Teresa e Maria do Carmo Quintela e Edith Geleer.

(Fotografias de Serra Ribeiro)

É BONECOS



Natal! Dia de bondade, de alegria e de amor! O Sol, mais intenso, dardou seus beijos de luz por toda a Terra, banhando-a de Vida, envolvendo-a de cor, fortalecendo-a de risonhas esperanças. Transformou em poalha de ouro a lama manchada de fogo e sangue! Nasceu Jesus, o pregador da paz entre os homens!...

Pêz-se silêncio nos mares, nos ares, nos lábios e nos corações! É Natal! Dia dos pequeninos! Quantos, longe das suas pátrias — quais avestias dispersas que outros ninhos buscaram — sonham com o pinheirinho iluminado, com o sapato repleto de vistosos brinquedos, com o bondoso Pai Noel que todos os anos visitava a lareira dos seus aconchegados lares! Quantos, com a alma pequenina de lato ou com a saúde a tol-dar-lhes os ingénios folguedos! Quantos, por esse Mando sem Natal, sem presepio, sem pinheirinho ou, sequer sapato, e, até, chamine!?

Portugal é hoje o pombal do Mundo. Os afortunados que procuravam um ninho seguro encontraram neste agasalhado cantinho o Paraíso desejado. Os parques e os jardins regorgitam de crianças lindas, de todas as nacionalidades, confraternizando alegremente, entendendo-se no seu vibrante chlirear, brincando com os seus bonecos — que são também crianças sem alma e sem vida — alheias ao Incêndio devastador!

É todas, portuguesas e estrangeiras, partilham prodigamente da tranqüilidade aliciadora, do ar puro, vivificante, do sol forte e prodigioso — medalhão dourado destacando-se no azul limpo do céu como divina Hóstia a irradiar bênçãos de luz por toda a Terra Portuguesa! — JUDITH MAGGIOLY.





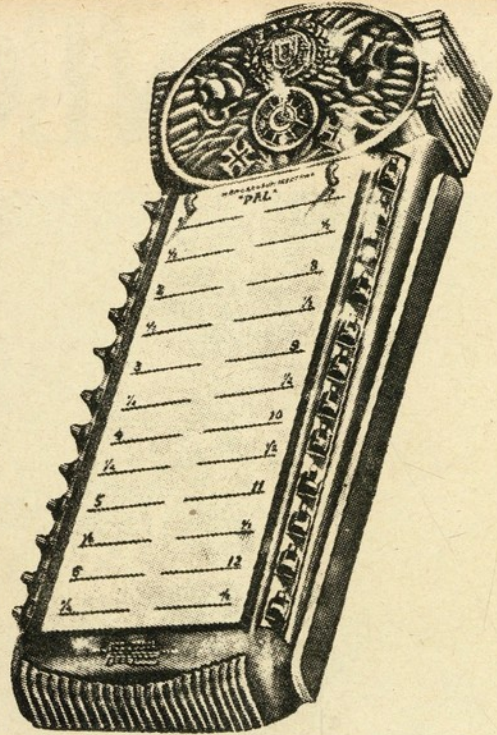
RAPARIGAS FRANCESAS ao serviço da França Livre, regressam ao seu hotel, depois de um dia de trabalho nas repartições gaulistas de Londres.



RACHEL, parisiense típica, casada com um aviador Inglês, trabalha actualmente no departamento de justiça militar das forças do general De Gaulle.



YVETTE E JEANNE, duas Francesas Livres que fugiram de Brest, a bordo do vapor «Meknes», disfarçadas de legionários. (Fotos «Britanica»)



Não sabe o que há-de oferecer ao seu médico?
Ou ao seu advogado? Ou a qualquer homem de valor?
Pois ofereça-lhe um MEMORANDUM ELECTRICO,
a última novidade útil e de valor.

O MEMORANDUM ELECTRICO «PAL», o único neste género do Mundo civilizado, serve para lembrar a horas exactas tudo o que se apontou para os afazeres importantes do dia. É também uma linda peça decorativa.
É UMA INVENÇÃO DO SÉCULO XX.

Peça explicações às

INDUSTRIAS PAL, L.^{DA}

QUINTA DA BELA VISTA (ao Rego) - Telef. 51326 - LISBOA

Retratos LAZARUS

FOTOGRAFIA INGLESA

Rua Ivens, 59 / LISBOA \ Telef. 25373

SPIDA

SOC. PENINSULAR INDUSTRIAL DE AUTOMOVEIS, LD.^A

participa aos seus Ex.^{mos} Clientes que a

Secção de venda de

PEÇAS SOBRESSALENTES E ACESSÓRIOS

das marcas suas representadas

DODGE E DKW

se encontra instalada na Rua Rodrigues da Fonseca, n.º 25

Telefone P. B. X. — 4 4179 — 4 4180 — 4 0495



A VOLTA
DA ROMARIA
(Bonecos de barro)
Foto Deniz Salgado

panorama internacional

Uma só guerra

por Francisco Velloso

SOBRE a imensa piedade da aflicção humana, o timbre suave da hora espiritual do Natal cai abafado pelo clamor infernal dos gemidos, pelo trovejar das explosões. Cada nação, em suas torturas, é um presépio miniatural da desolação do Mundo. A paz fugiu dos homens. A civilização desabou. O cansaço de sofrer, nos lares famintos, nos exilios cruéis, fez do Natal de alegria cristã, um Natal de dor.

A anotação dos acontecimentos, rubrica neste momento as duas interrogações que torturam milhões de homens: — Para onde vamos? Quando chegará o fim?...

BALANÇO



CHANG-KAI-CHEK

A oitava find confirmou, dia por dia, a ascensão da posição que o Japão tomou na enorme batalha do Pacífico. O primeiro impeto do assalto não marcou somente a prioridade duma iniciativa, mas da decisão do alto-comando nipónico sobre os seus adversários. Estes foram colhidos de repente, dispersos, sem coesão. As grandes vítimas deste erro irreversível foram o couraçado *Príncipe de Gales* e o cruzador *Repulse* e o couraçado *Arizona*. Sofreram também os japoneses graves perdas, entre elas a de um dos seus grandes navios de superfície. Mas o informador oficial da marinha nipónica podia, no dia 16 vangloriar-se, por exemplo, do facto de o potencial inglês e norte-americano em porta-aviões ser muito inferior ao da armada japonesa, e de que os porta-aviões desta última deixaram de ter no Pacífico a protecção que lhes seria necessária.

De facto, é com esse grupo de navios-bases que o Japão pode fazer os seus actuais ataques às ilhas e posições da Inglaterra e dos Estados Unidos. Assim foi nas Hawaii, na ilha Guan, já ocupada, na ilha Wake, nas Filipinas e contra Singapura. Houveram, sem dúvida, os nipões tempo de sobejo para acumularem efectivos sobre efectivos, e toneladas sobre toneladas de material na Indochina. Mas a sua esquadra fez o resto: apoiou os desembarques e a aviação naval.

Os japoneses estão senhores do Pacífico oriental. Não há até agora ao longo das bases norte-americanas costeiras dêse mar, o menor sinal de que, além do apagamento de luzes, a armada de lá partisse à procura e ao encontro do inimigo.

As Filipinas estão a defender-se arriscadamente por seus próprios meios. Foram as Índias Holandesas que valeram com aviação à não menos arriscada defesa da península de Malaca onde, aliás, os ingleses admitem o cerco de Singapura, como a capitulação de Hong

Kong em cuja defesa, mas ainda a grande distância, Chang-Kai Chek lançou parte das suas forças. A zona inglesa da ilha de Bornéu sofreu assalto dos japoneses e todo o arquipélago fica sob ameaça.

No balanço destes factos, sobressaem: — a assombrosa impreparação anglo-americana em terra, no mar e no ar; — a ausência de forças navais nos centros de acção; — a falta não só de um plano de operações dos aliados, mas de um comando único e supremo; — a flutuação nos actos de defesa, desaquelegados e isolados.

REALIDADES



ANNA

Nos Estados Unidos a surpresa da investida japonesa teve como o imediato efeito revelar, em toda a extensão da tóda a profundidade, três realidades tremendas: — o estrago profundo causado, num derrotismo que transcende o egoísmo das maiores covardias, pela campanha tenebrosa dos isolacionistas, que desarmou a grande república; — a inexistência de capacidades, nos altos comandos, na conjuntura exacta em que ela havia de demonstrar-se diante de um inimigo que as possuía e possui no melhor grau; — o perigo de se usar de diplomacias sinuosas ou contemporizadoras para com um adversário que antecipadamente se sabe estar disposto a agir sistematicamente em ofensiva e cujo espírito de agressão não desarma.

A subsequência dos acontecimentos no Pacífico vai condicionar-se nestas realidades.

No dia 16, Roosevelt ordenava que se procedesse, com a maior urgência, a um rigoroso inquérito às forças de Terra, Mar e Ar norte-americanas, em Hawaii, porque, tendo recebido ordens, de madrugada, para estarem de prevenção, foram colhidas de surpresa, à tarde do mesmo dia, pelo ataque dos japoneses, não tendo avistado os aviões atacantes nem os seus transportes. Na recente visita que o secretário da Marinha, Knox, fez a Hawaii, verificou que, se as forças norte-americanas se encontrassem de prevenção, com lhes foi ordenado, teriam repellido, com a maior eficiência, os ataques dos japoneses e causado, a estes, consideráveis baixas.

Na véspera, Knox anunciou que ia aconselhar uma nova estratégia em vista dos ensinamentos que recolhera da sua inspecção aos prejuízos sofridos na grande base de Pearl Harbor.

Estes dois factos corroboram o que acima dizemos. A ampliação da idade de serviço militar, a chamada de dezenas de coronéis ao posto de general do exército, a mudança do comando supremo da esquadra do Pacífico assinalam perturbação.

Diante dêles, temos de apresentar declarações do general Tojo

no dia 17 à Dieta em Tóquio. A primeira é de que a guerra será longa, de que o Japão está preparado para ela, e de que, no entanto, será preciso arrostar com graves dificuldades. O chefe do governo nipónico previne-se assim para a inevitável crise de matérias primas que, sob o olhar inquiridor da indústria e dos velhos políticos prudentes, um dia, precisamente por causa da duração da guerra, reventará. Outra referência deve sublinhar-se: — a de que entre o actual governo de Tóquio, e Berlim e Roma já havia durante as negociações com Washington apostados e combinados propósitos de uma intervenção japonesa.

O almirante Shimada esmaltou estas afirmações com o relatório dos sucessos vitoriosos das armas japonesas neste simples intróito da luta em que só por estrabismo um jornal de Nova Iorque pretende ver a primeira fase da guerra no Pacífico.

A PROCURA DE UM COMANDO



TOJO

Como podem os aliados sair desta situação? A magnitude do desastre impôs-lhes automaticamente a revisão das condições em que a sua causa tem de mover-se. Para isso, a verdade axiomática é que a guerra do Pacífico, ao transmutar prospectivas e alterar posições, está integrada na conflagração geral que atea no mundo as labaredas de um incêndio jamais visto.

Nesta integração a maior necessidade é unificar uma direcção e sobre um só plano fazer a distribuição de forças e de esforços, é fazer imediatamente aquilo que até hoje ainda não foi feito e que feito já deveria ser. Nos últimos dias, as agências noticiam importantes negociações em curso entre Londres, Washington e Moscovo. Ao mesmo tempo que na capital norte-americana se procura afanosamente aquela unidade para a dupla acção naval e aérea no Atlântico e no Pacífico, em conferências travadas em Londres-Moscovo um esforço convergente é feito para argamassar e organizar o mesmo objectivo num bloco maior que compreenderia a Inglaterra e Dominios, a Rússia, os Estados Unidos e a China. A imprensa norte-americana e inglesa clamam pela urgência desta finalidade. *Uma só guerra!*

É a crise de Doullens em 1918 tresdobrada na amplitude de vastos continentes O que então se impôs entre exércitos nos diversos fronts, aparece hoje entre nações gigantes separadas por grandes oceanos. E à medida que o conflito se amplia e deflagra, êsse imperativo é mais forte e terminante.

Só para os aliados? Não. O mesmo problema mostra uma face igual para o bloco internacional do Eixo. De Berlim, uma informação diz-nos que, similarmente, Hitler estuda a conjugação coordenada das direc-

trizes politico-militares entre todos os países que a Alemanha superiormente comanda. E compreende-se que assim seja. Se a Inglaterra tem de ajustar no Oriente a sua acção com os Estados Unidos, a Alemanha tem de consertar a sua acção com o Japão.

A seqüências das operações dependem rigorosamente da maior ou menor eficiência destas combinações e pactos.

Os acontecimentos já rolam nesse sentido com o crescente e caudaloso fragor das avalanches.

DEMONSTRAÇÃO



VON LIST

Berlim, pela Havas, fala-nos de que o exército alemão insta no seu empenho de estabelecer a guerra a Leste, contra o objectivo de Timochenko de em assaltos constantes, por meio de reacções de ofensiva de cada vez mais amplas, prolongar a batalha da Rússia pelo inverno dentro.

O valor dêste intento e aporfiado empenho dos generais russos, que o regresso do governo soviético a Moscovo e os factos constantes dos comunicados de operações documentam (inclusive os contra-ataques da *Luftwafe* no sul a proteger os recuos dos efectivos de Von List a posições de resistência estável), êsse valor, mede-se já por outros factos salientes, como o do envio de aviação e combustíveis a Rommel no transe em que Ritchie procura tolher-lhe a retirada para as linhas da Cirenaica. Por outro lado, se a batalha da Rússia continua com vigor a absorver recursos alemães, pode, em dado momento, influir no desenvolvimento, já bem à vista, da acção politico-alemã para ocidente e sobre o Atlântico, diante do facto novo da intervenção dos Estados Unidos e da formação do bloco das Américas — quando, após o *Pacto de Saint-Florentin* já entre a França, a Alemanha e a Itália se assentaram os termos duma intercooperação que começou com o holocausto de Weygand, encerrado na sua casa de Antibes, e se desenrola desde Bizerta por toda a costa norte e ocidental de África com centro em Dakar, contra essoutros centros hoje poderosíssimos (e mais ainda depois da guerra em toda a politica africana) que os ingleses formaram, com apoio e auxílios americanos, na zona equatorial, entre os quais o mais importante é o Congo Belga. E lembremos ainda quanto preciosos são em prospectivas desta ordem a massa dos submarinos alemães e os portos europeus e africanos que dominam as chaves do Atlântico.

(Continua na pág. 47)

OS NAVIOS MISTERIOSOS DA FROTA JAPONESA

por Maurício de Oliveira

QUANDO o Japão criou o estado de guerra no Pacífico, ao atacar de surpresa e sem qualquer declaração de beligerância, as bases americanas naquele vasto oceano, todas as pessoas que se interessam pela marcha dos acontecimentos pensaram que ia tratar-se de uma luta essencialmente naval e aérea e que, por consequência, o curioso era conhecer, tanto quanto possível, os efectivos das duas poderosas armadas que iam defrontar-se.

Ora sabe-se que o Japão, nos últimos anos, fez segredo absoluto das suas construções navais, o que não impediu que se soubesse que elas existiam, em ritmo acelerado e de grande importância militar. De que se tratava? Grandes couraçados, poderosamente armados e cruzadores de batalha, relativamente pequenos, mas muito velozes.

Os adidos navais fizeram os maiores esforços por conhecer alguma coisa sobre assunto que tão particularmente interessava aos Estados Unidos e à Rússia mas, de início, nada conseguiram e, mesmo nos últimos tempos, aquilo que lograram saber foi muito pouco.

O Japão revelará, porém, as suas disposições ao recusar-se a aderir aos projectos britânicos de limitação do calibre da artilharia principal dos navios de linha. Desejava, assim, ficar com as mãos livres para efectivar os seus vastos planos, já nesse momento em curso acelerado. Entretanto, a Imprensa nipônica batia a tecla de uma Armada forte, mais forte ainda, pela qual o povo japonês deveria fazer todos os sacrifícios, pois os frutos desse sacrifício saberiam colhe-los os marinheiros japoneses...

OS NAVIOS MISTERIOSOS...

E assim, em Setembro de 1937, conseguia-se saber apenas que, no Arsenal de Yokosuka, fora discretamente assente, sem qualquer ceremonial, a quilha de um couraçado de 43.000 toneladas... Quasi ao mesmo tempo sabia-se que, em Agosto desse mesmo ano, o Arsenal de Kuré, iniciava a construção de outro navio igual, e que, por essa mesma altura, dois outros couraçados se haviam iniciado simultaneamente, no Arsenal de Sasebo.

Neste momento, quando estamos em presença dos factos consumados — a guerra — os americanos constataam que esses quatro couraçados devem estar já em serviço. Continuam a desconhecer-se as suas características e nem se sabe mesmo, exactamente, o calibre da sua artilharia principal, mas os meios navais bem informados dizem não se admirar se eles surgirem armados com canhões de 457 mm.!

E, pode perguntar-se: Há ainda mais navios misteriosos?

A resposta deve ser afirmativa. Em 1939, soube-se que o Arsenal de Yokosuka lançara à água um novo tipo de cruzador de batalha, que se reconhece hoje ser uma criação exclusivamente japonesa. Sabe-se o seu nome: chama-se «Kazekuru» e desloca apenas 16.000 toneladas, mas pode atingir a velocidade de 32 milhas e está armado com 6 canhões de 305 mm. e numerosa artilharia anti-aérea.

Além do «Kazekuru», há informações seguras de que um outro navio, da mesma classe, se encontra em acabamento urgente no mesmo arsenal.

Ao falar-se, portanto, da esquadra de batalha do Japão deve acrescentar-se que, além dos 10 couraçados bem conhecidos, há a contar com, pelo menos cinco, navios misteriosos cuja existência está hoje provada, mas cujo verdadeiro potencial e condições de resistência e protecção, se apresentam ainda como inteiramente ignoradas.

SACRIFÍCIO DE VIDAS EM SILÊNCIO...

Nos últimos anos, a indústria de construção naval japonesa tem-se arriscado a conceber e a experimentar uma série de novos tipos de unidades, nomeadamente cruzadores ligeiros de 8.000 toneladas e contra-torpedeiros, além dos navios de linha acima mencionados.

Essas experiências — como as experiências de um laboratório — tem tido os seus êxitos e os seus fracassos. Certo dia, não há muito tempo, quando um novo modelo de contra-torpedeiro, com um armamento talvez superior àquele que deveria comportar, efectuava as suas experiências, voltou-se ao trancar o leme todo a bombordo, quando ia à velocidade máxima. Morreu todo o pessoal que seguia a bordo, mas do trágico episódio pouco ou nada transpirou. E os estudos aturados prosseguiram.

Mais tarde, durante as experiências da artilharia de um cruzador ligeiro, verificou-se que o navio não podia suportar os canhões que lhe tinham sido destinados. Eram grandes demais. Foi preciso rever a construção e alterar toda uma série de navios da mesma classe que estavam em acabamento. Do incidente pouco se falou, mas os estudos por uma Armada sempre mais forte e eficiente, prosseguiram sem alteração.

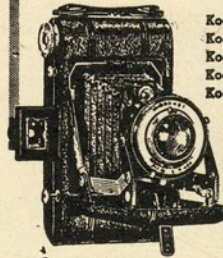
E assim, o Japão chegou à guerra — uma guerra que foi tantas e tantas vezes adiada. Pode afirmar-se que entrou na contenda com uma frota naval e outra aérea, cuja importância não deixa ainda prever os resultados da luta no Pacífico. O que se apresenta, todavia, como inevitável, é que estamos em presença de um esforço técnico e de preparação de pessoal que marca fundamentalmente uma época na vida do Japão.

O enfraquecimento súbito da frota inglesa em águas de Singapura veio trazer um golpe rude, mas não se deve, por outro lado, esquecer, que os recursos dos Estados Unidos parecem inexgotáveis, que a firmeza da Inglaterra e o valor da sua Armada não admitem dúvidas e que a guerra — este é, talvez, o aspecto mais grave para o Japão — está ainda muito longe do seu termo...



Um presente de qualidade...
...Um belo Kodak

Aos que desejem oferecer, a parentes ou amigos, uma prenda útil..., de qualidade, se recomenda o «Kodak Vigilant 620», sólido aparelho fotográfico, de linhas modernas e elegantes que as pessoas de bom gosto se orgulharão, por certo, de possuir.



Kodak Vigilant Junior 620, L.8.8. Esc. 285\$00
Kodak Vigilant X 620, L.7.7..... • 360\$00
Kodak Vigilant X 620, L.6.3..... • 395\$00
Kodak Vigilant 620, L.6.3..... • 485\$00
Kodak Vigilant 620, L.4.5..... • 675\$00

Kodak
VIGILANT 620
6 x 9 cm.

Venda nas boas casas de artigos fotográficos

KODAK, LIMITED — 33, RUA GARRETT, LISBOA

TUNGSRAM

Poupa a e a

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano

Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

MAVIA cerca de um ano que Charles Read vivia naquela esplêndida casa, num moderno bloco de quarenta e oito andares, recentemente construído. Ele fôra estrear, novinho em folha, o seu «appartement» no vigésimo

quinto andar, que era, numa construção tão alta e tão cara, um piso de honra. A sua volta, no mesmo andar, em habitações de quatro, seis ou oito compartimentos, pululavam variadíssimos escritórios dos negócios mais díspares, e os corredores, que constituíam um verdadeiro labirinto, eram cruzados por uma autêntica multidão de transeantes que se guiavam por setas às esquinas, a indicarem os diversos locais, quase todos comerciantes — Harry & Sons, Smith & C., Johnson, Gordon & C., etc. Apenas na sua porta—não mui longe de um dos seis ascensores, que funcionavam constantemente, num afã vertiginoso, a despejar carradas e carradas de pessoas—se lia êste letrero diferente de todos os outros: «Charles Read — Polícia Particular».

Hesitara durante alguns dias na redacção desta tableta tão simples. Harman, o seu dedicado ajudante, aconselhara-o a mandar gravar na placa de metal amarelo, que Giovanni, o seu criado italiano, trazia sempre reluzente, como ouro, esta designação simpática: «Polícia Amador». Mas Charles Read achava que a palavra «amador» apontava as funções que êle, afinal, exercia como profissional. O facto de êle não pertencer oficialmente à Polícia de Nova Iorque, que é paga pelo Estado, não obstava a que êle vivesse de funções puramente policiais, pelas quais cobrava proventos, por vezes, chorudos. «Amador» lembrava-lhe qualquer coisa de brincadeira, de futilidade, que não se coadunava com a seriedade com que êle abraçara aquela carreira por que se apaixonara recentemente.

Algumas investigações felizes, ou melhor, de resultados felizes, porque nella empregara tôda a sua energia, sagacidade e diligência, ganharam-lhe uma boa reputação. Os jornais dedicaram-lhe espontaneamente, sem se cobrarem pelo réclamo, alguns artigos elogiosos, e a sua clientela que, a princípio, era escassa e pobre, aumentava quasi súbitamente em número e em valor.

Foi então que abandonou o seu tugúrio pobre num último andar de Jackson Street, para se instalar naquele arranha-céus, acabado de construir, em Oakland Street. Não tinha agora mãos a medir. Apareciam-lhe tantas causas a tratar que se via forçada a dividi-las por seu ajudante Jack Harman, que, por sua vez, tinha que chamar outras pessoas, mais ou menos enfiadas em assuntos policiais, para o ajudarem.

A vida abria-se-lhe agora em novos horizontes. Sobre tudo adorava aquela habitação. Giovanni trazia tudo num brinquinho. Os oito compartimentos, com seu mobiliário novo ainda a cheirar a verniz, dir-se-iam oito recantos de um palácio encantado. Claro que Charles Read achava tudo aquilo maravilhoso porque nunca soubera o que era conforto ou

riqueza. Provinha de uma família pobre, de Carolina do Sul, que emigrara para Nova Iorque, era êle ainda muito criança. Aos dez anos falecera-lhe o pai. Sua mãe, para o criar, vira-se obrigada a aceitar trabalho numa fábrica de fição, onde mal ganhava para comer e para lhe ir dando, com grande sacrifício, uma instrução elemental.

Charles conheceu muito cedo o que era a luta pela vida. Aos catorze anos obteve um lugar de «groom» num escritório; mas frequentava aulas nocturnas, onde se aperfeiçoava em línguas, que eram a sua paixão, e contabilidade, que era o seu pavor. Reconhecia que não tinha inclinação para o comércio. Amava as Letras. Vingava-se na leitura de tôda a espécie de romances que conseguia haver às suas mãos. E, coisa curiosa, de todos os gêneros de literatura, que, sem plano nem discriminação, ia conhecendo nas suas poucas horas vagas, era a policial a que menos o atraía.

Enlevava-se nos poetas que lhe libertavam a alma da taconhez de uma existência sem horizonte e adorava os escritores naturalistas, porque sabiam reproduzir com exactidão a vida da gente humilde e exprimir com eloquência as queixas dos que tiveram a pouca sorte de nascer num plano social inferior. Os assuntos policiais divertiam-no, agradavam-lhe, mas achava-os tão inverosímeis como os contos de fadas.

Aos dezóito anos, faltou-lhe a mãe. Ficou só no mundo. Tinha por única fortuna o seu conhecimento muito razoável de alguns idiomas estrangeiros: francês, alemão e espanhol. Pensou então em emigrar para a Europa, para o Canadá ou para o México.

Estava nessa altura empregado num pequeno escritório de comissões e consignações. Mas a sua falta de jeito para as coisas comerciais, não lhe permitia subir de categoria. Ganhava para viver com grandes economias, instalado numa pensão modesta, que lhe levava quasi todo o ordenado, habitando um quarto escuro e mal mobilado. O único luxo que se permitia era o desporto. Ao domingo, fazia «basket-ball», que muito contribuíra para lhe enrijir os músculos e retemperar a alma.

Na hesitação de emigrar, deixou passar os anos. E quando acordou daquela espécie de letargia em que se deixava viver, notou com espanto que já contava vinte e seis anos. Preguntou o si mesmo se a sua vida teria que arrastar-se, sempre assim, naquela estúpida monotonia, sem uma grande viagem, nem uma grande luta nem um sobressalto — ao menos, um sobressalto.

E o sobressalto teve-o poucos dias depois, naquele escritório acanhado onde ganhava o pão, com mais seis companheiros: o guarda-livros, o ajudante, o caixa, um empregado de expediente, uma dactilógrafa, um contínuo — e êle. Somavam sete pessoas contando consigo. E o sobressalto consistiu em que o patrão o chamara um dia ao seu gabinete e o submettera a um interrogatório rigoroso, numa atmosfera de suspeição que o affligiu. Charles percebeu tudo. Havia um desfalque na casa. As contas do caixa estavam certas, a escrita do guarda-livros em dia, com um rigor matemático. No entanto, faltava dinheiro. Como se soubera disso? Por um mero acaso. Enviara-se uma

conta a um cliente. Era de mil e duzentos dólares. O cliente, porém, que era da provincia, cruzando-se com a correspondência, viera pagar espontaneamente ao escritório mil e seiscentos dólares. Havia uma diferença contra a casa de quatrocentos dólares. Ora, essa correspondência para os agentes da Provincia passava pelas mãos de Charles Read. Por isso o patrão o submettera àquele interrogatório quasi inquisitorial.

Charles foi essa tarde para casa com aquela atmosfera de suspeição metida no peito. Sentia-se asfixiar. Não sabia como explicar o engano, de-certo um engano. Durante dias, procurou nas suas contas o erro que julgava ter cometido e não o encontrava. O patrão perguntava-lhe, com um sorriso de ironia, que era como um estilete penetrante a retalhá-lo em pleno peito.

— Então, já achou o «gato»? — Êle não achara o «gato». Andava como doido. Tinha quasi a certeza de que, se o caso não ficasse esclarecido, o patrão reclamaria a intervenção da policia e êle seria a pessoa suspeita que provavelmente malhariá com os ossos na cadeia.

Uma manhã, Charles acordou resolvido a descobrir o engano. Entrou no escritório mais carrancudo, mais triste. Dirigiu-se ao guarda-livros e pediu-lhe que o escutasse em particular. A conversa foi longa, mas os seus colegas nada souberam do que se tratava. Essa noite, Read não ficou em casa, amolgando, entregue às suas leituras predilectas. Saiu e só regressou depois da meia-noite. Estas saídas misteriosas duraram seis dias, ao cabo dos quais êle se dirigiu, certa tarde, ao gabinete do patrão para lhe dar uma novidade.

O patrão recebeu-o de sobrecenho carregado. O semblante de Charles, porém, ia mais alegre nesse dia.

— Que me queres? — perguntou-lhe o dono a casa.

— Participar-lhe que o meu colega ajudante do guarda-livros não pôde vir hoje ao escritório.

— Já o sabia — pronunciou o patrão, em tom ríspido.

— Mas de-certo ignora os motivos da sua falta — retorquiu prontamente o empregado.

O outro alhou-o um pouco desconfiado e confessou:

— Realmente, não sei. Porque foi?

— Porque está preso... — informou Charles.

E, como o patrão o olhasse mais intrigado, esclareceu:

— Está preso, à minha ordem. Descobri que era êle quem o vinha roubando há três anos. Falsificava a escrita, escrevia aos clientes cartas de que não há cópia. E como era êle quem abria tôdas as cartas só lhe mostrava as que lhe convinha, guardando cheques e outros valores, que se recebiam e que não estavam registados na escrita viciada.

O dono da casa ficou boquiaberto. Como conseguira aquele pobre diabo, com o escritório era considerado o mais tocando de inteligência, descobrir uma coisa de que as outras pessoas, que se julgavam tão argutas, nem sequer suspeitavam? Aquele homem silencioso e taciturno, afinal, não era um desmiolado como erradamente supunham. Primeiro, realizara um trabalho de autêntico perito contabilista, pois descobrira, fraude por fraude, o gigantesco traba-

lho de viciação realizado pelo gatuno. Ali estava tudo bem patente. Charles examinara tôda a papelada: facturas, guios de remessa, cartas razuradas — tudo o que escapava, enfim, aos olhos experimentados do guarda-livros e dêle, próprio, patrão, o mais interessado. Além disso, procedera a um verdadeiro trabalho de investigador. Observara o ajudante do guarda-livros, soubera que êle tinha uma amante que gastava à larga pelo cabarés, soubera que êle arriscava avultadas quantias ao jôgo. E Charles, introduzindo-se de noite no escritório, mercê de uma conversa que tivera com o guarda-livros, que lhe cedera a sua chave, pôde espionar o ladrão, que, mudo de outra chave falsa, ia a horas mortas proceder às razuras e emendas, que lhe permitiam locupletar-se com quantias que oscilavam entre quatro a cinco mil dólares por mês.

O gatuno, preso em flagrante, mercê ainda de uma manobra de Charles, que uma noite se ocultara no escritório, acompanhado de dois agentes da policia, confessara já os seus delitos, à hora em que o patrão, ainda desconfiado da esperteza de Charles, escutava o relato minucioso das investigações a que êle procedera.

Praticamente, a proeza de Charles Read apenas lhe grangeara um pequeno aumento de ordenado, que não o tirou da re'es mediania em que vegetava. O patrão achava que, na verdade, êle tinha esplêndidas faculdades de investigador; mas na vida comercial continuava a ser o mesmo desajeitado. Faltava-lhe o faro dos negócios.

Quando começou a receber os seus vencimentos um pouco mais avultados, ainda Charles pensou em juntar a importância do aumento para um dia poder emigrar. Chegou, porém, à conclusão de que necessitaria de trabalhar mais dez anos para acumular o bastante que lhe permitisse fazer uma viagem à Europa em condições decentes.

Êle, que tanto gostaria de ver as maravilhas de Arte antiga, na Grécia, na Espanha, na Itália, na França, sentiu-se desanimar ante aquela longa expectativa de dez anos.

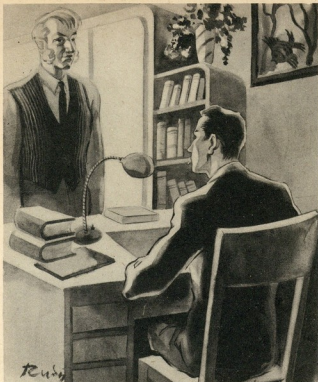
Entretanto, a proeza de Charles corra de boca em boca. Alguns jornais, ao darem a noticia do ocorrido no escritório, chegaram a conceder-lhe umas linhas de atenção. Um até escrevia: «Mercê da argúcia de «mister» Charles Read, é que se descobriu a manobra hábil do gatuno, que gozava da confiança de tôda a gente».

Estas linhas para êle equivaliam à celebridade. Clientes da casa felicita-vam-no. Outros queriam conhecê-lo pessoalmente e ouvir da sua boca a história completa do caso.

Um dia «mister» King, abastado negociante e industrial, pessoa que «pesava» alguns milhões de dólares, fez-lhe o favor de o querer conhecer. O patrão chamou-o ao seu gabinete para o apresentar ao ricoço, que entrara no escritório de chapéu na cabeça e charuto na boca.

Era um homem alto, espadado, ligeiramente obeso, que usava luneta de aros de ouro. Estendeu-lhe a mão, negligente.

— Os meus parabéns, rapaz — disse êle, com um sorriso de bonomia. — Já sei que és um autêntico «detective». Talvez um dia te incumba de achares o



É «mister» John King... Diz que o senhor o conhece muito bem.

paradeiro de um objecto sem valor, um simples esfera de aço, que, no entanto, nem os mais célebres polícias ingleses, que têm fama de ser os mais argutos do mundo, conseguiram descobrir.

Charles, o estalar de contentamento, curvava-se reverente, perante o ricoço e murmurava, confuso:

— Estão às suas ordens, «mister» King. Disponha inteiramente de mim... «Mister» King, porém, não quis despir de Charles. Saltara uma risada rítmica e, batendo-lhe no ombro, pronunciara:

— Estás ainda muito cru, rapaz. Uma bola de aço é objecto muito duro para o teu dente.

E para o conforto do atestado de incompetência que acabava de lhe passar, socara da carteira e, entre as gargalhadas adoloradas do patrão, Charles Read recebeu, timidamente, uma nota de cinquenta dólares.

«Mister» John King nem sequer ascutara as confusas palavras de agradecimento que Charles proferira, pois logo se embrenhara numa conversa de negócios com o dono da casa.

Diz-se-lia, porém, que a partir daquela data, alguma coisa se modificara profundamente na vida de Charles Read. Houve clientes do caso que começaram a incumbi-lhe da descoberta de pequenos furtos, de ligeiras fraudes de empregados infelizes, de colegas de pouca confiança e comerciantes intrujões. E o rapaz conduzia-se com tal habilidade, que raro falhava nas suas investigações. Foi criando fama, os seus clientes particulares aumentaram pouco a pouco.

E não tardou em ganhar muito mais dinheiro com as investigações particulares a que se dedicava do que com o seu modesto emprego no escritório de comissões e consignações.

Seria talvez oportunidade de realizar a seu sonho de viagens ao México ou à Europa. Mas agora era a nova profissão em que se ia enfronhando que o prendia, que o enleava, não lhe permitindo mover-se para fora dos Estados Unidos.

Um dia, surgiu no recente carreira do investigador um caso que viria a decidir do seu futuro. Tratava-se de um crime de morte. Um cliente do escri-

tório fora encontrar sua esposa assassinada, no quarto do hotel em que habitava. A Polícia de Nova Iorque interviu. Concluiu imediatamente que se tratava de roubo. A vítima faltavam os brinços e um anel, de valor apreciável. Mas a assassina não aparecia e das jóias nunca mais houvera notícia.

Foi então que o vivo, já desanimado com o trabalho infructífero das autoridades, se lembrou de Charles Read. Intimo do patrão, pediu-lhe que concedesse ao seu empregado uma licença para êle investigar o caso. Read trabalharia por sua conta durante o tempo que se dedicasse à investigação.

Read aceitou a incumbência, contente e apressivo. Se lossesse deitar a mão ao criminoso, teria à sua frente uma vida nova; se falhasse, teria que resignar-se à vida opressiva do escritório para todo o sempre. Jogava simultaneamente a pequena fama de «detectives» que ganhara em investigações de pouca monta. Todos os olhos estavam fixos nêle. E tinha a certeza de que, ante um caso tão complicado, que dera grande brado nos jornais e que a própria Polícia qualificava de impenetrável, ninguém acreditava no seu passível triunfo.

Apenas Dorothy, a dactilógrafa, muito comodida e muito inteligente, que fora no escritório o seu melhor camarada, ao despedir-se, quando êle saia de licença, lhe apertou muito a mão e lhe disse, numa voz meigo e ciçada, que se temesse que os outros a escutassem:

— Confia em si, Charles, e siga-o em pensamento.

Aquelas palavras deram-lhe grande alento. Uma semana depois, tudo estava esclarecido: a mulher tinha sido assassinada por um amigo namorado, cuja corte recusara para se casar com a comerciante. O roubo dos brinços servira apenas para despistar. E a Polícia fora despistado, realmente, Charles é que não.

Foi a apteose! A Imprensa publicou o seu nome em caracteres tão grandes como feijões. A sua habilidade foi exaltada com os maiores elogios. E Charles já não voltou a ocupar o seu modesto lugar no escritório de comissões e consignações.

Outros casos surgiram, em «avalações», para êle investigar. Teve que seccionar-las e recusar a maioria. Não lhe custou, aproveitando a simpatia criada à sua volta, obter das autoridades licença para trabalhar como polícia particular.

Estava num período ascensional. A sua mudança para o vigésimo quinto andar de Oakland Street marcou mais uma etapa do seu ascensão. Havia cerca de um ano que ali se instalara e o vida sorria-lhe. Essa manhã, por exemplo, em plena Primavera, após o banho matinal, entrou no seu gabinete para se entregar ao exame minucioso de uns documentos folhos que lhe tinham mandado na véspera, quando Giovanni, presentindo-o, abraçara o porta e avançando a seu cotejo grisalho, annunciou em voz baixa:

— «Mister» Read!... Há mais de meia hora que tem fôra no sala uma pessoa à sua espera.

Charles Read lançou-lhe apenas um

olhar inquiridor, ao qual o criado respondeu, baixando mais a voz:

— É «mister» John King... Diz que o senhor o conhece muito bem.

O polícia quedou um segundo a recordar, e logo acudiu, numa exclamação:

— O milionário!...

Era o homem que lhe dera os cinquenta dólares de gratificação, o que lhe falara numa tal esfera de aço misteriosa, dizendo que era muito dura para os seus dentes.

— Giovanni! — exclamou êle, sem poder dissimular o seu alvoroço. — Manda entrar para aqui êsse cavalheiro. Depressa!

A cabeça grisalha do criado desapareceu. E Charles, fazendo grandes esforços para reprimir a sua impaciência, avançou até ao meio do gabinete e esperou, a escutar no corredor os passos pesados do milionário que se aproximava.

(Continua)

MARCA MUNDIAL
10
GRANDS PRIX
506 PRÊMIOS
DE OBSERVATÓRIOS

LONGINES

APARELHOS CONTAX, LEICA, IKONTA, ROLLEIFLEX, BESSA, ETC.

GEVAERT

A PELÍCULA DAS BOAS FOTOGRAFIAS

TRABALHOS PARA AMADORES

GARCEZ, L. DA

CHIADO LISBOA

Chapeus de categoria

Chapelaria

ELITE

151, Rua Augusta, 153

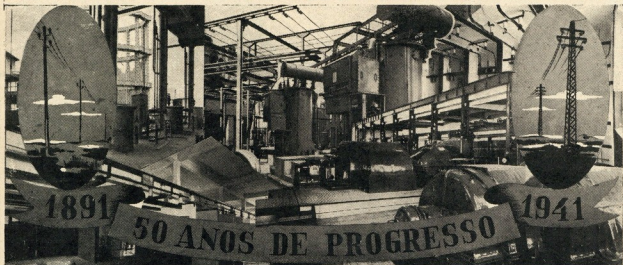
Telefone 22030

Lisboa



UM CURIOSO ASPECTO DE HONG KONG, a possessão britânica do litoral asiático recentemente conquistada pelas tropas nipônicas, após encarniçada resistência

COMPANHIAS REUNIDAS GAS E ELECTRICIDADE



DURANTE ESTE PERIODO DE MEIO SÉCULO, NUNCA A POPULAÇÃO DA CAPITAL DEIXOU DE BENEFICIAR DAS COMODIDADES QUE PUDEAM ASSEGURAR-LHE OS APERFEIÇOAMENTOS DA TÉCNICA, NESTES DOIS IMPORTANTES RAMOS DA CIÊNCIA E DA ENGENHARIA, GRAÇAS A EVOLUÇÃO CONSTANTE OPERADA NAS SUAS INSTALAÇÕES



Figuras da Vida
MUNDIAL

Ribbentrop

MINISTRO DOS NEGÓCIOS
ESTRANGEIROS DO REICH

VISTO POR CANDIDO COSTA PINTO

Cabelo **FORTE E PUJANTE!**



SUSPENDE
A QUÉDA DO
CABELO,
FORTIFICA-LHE AS
RAÍZES E ELIMINA
A CASPA



**PETRÓLEO QUÍMICO
NALLY**

PELES

Sempre as ultimas novidades

CASACOS

BOLEROS

CAPAS

RAPOSAS argentées azues

MALINHAS para senhora

MEIAS nas mais finas qualidades

CASA CANADÁ

228 — RUA AUGUSTA — 232
TELEPHONE. 26808

Correntes Renold Coventry

PARA BICICLETAS, MOTOS, AUTOMOVEIS

MOVIMENTOS DE CORRENTES

PARA FINS INDUSTRIAIS

OU MÁQUINAS AGRÍCOLAS

HARKER SUMNER & C.^A, L.^{DA}

14, Largo do Corpo Santo, 18 ■ 152, Rua José Falcão, 156

LISBOA

PORTO

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA

TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	20,10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
Ondas	m. 221.1	(kcs 1357)	20,10
médias	m. 263.2	(kcs 1140)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	22,10
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20,20 horas, e às quartas-feiras, às 20,10 horas, serão radiodifundidas palestras em língua portuguesa.

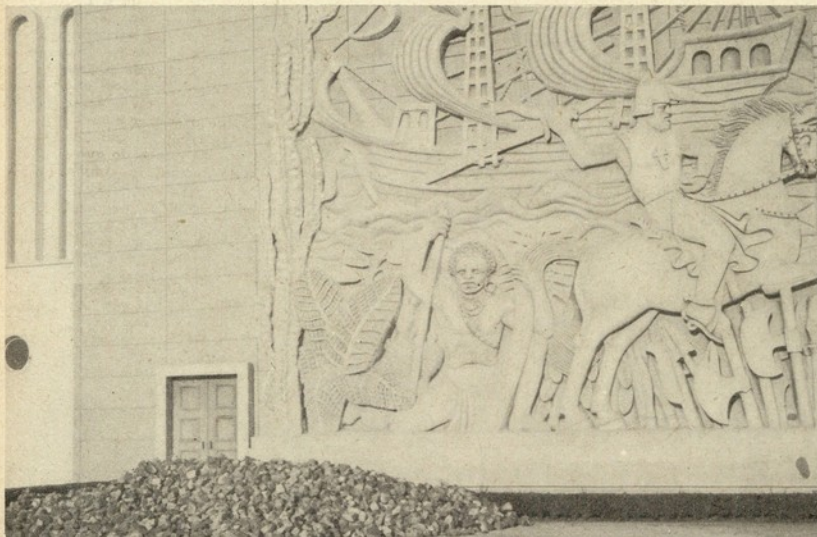
Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)



A SÉ DE LISBOA
iluminada por projectores
eléctricos. (Foto J. Garcia)

AQUI FOI A EXPOSIÇÃO do Mundo Português

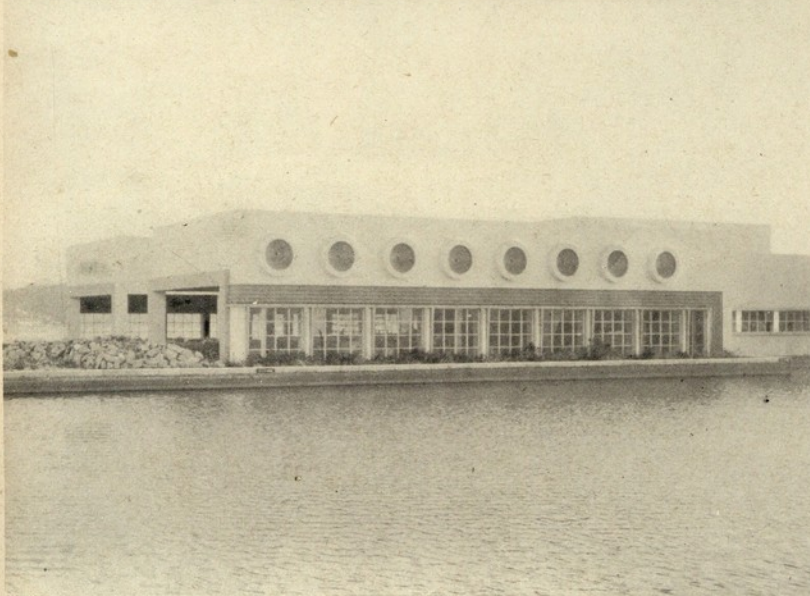
que se encerrou há um ano * -REPORTAGEM DE- GENTIL MARQUES



Agora, os nossos olhos sômente se podem encher de uma saudade feita de pena e de tristeza... Saudade das maravilhas que nos encantaram. Pena de já não podermos ver a Exposição do Mundo Português, tal como foi aqui, neste recinto imenso de Belém, onde Portugal inteiro veio desaguçar. Saudade das visões de magia, quando tudo era beleza e luz, alegria e festa. Pena da exposição não ter ficado erguida para sempre... Saudade da multidão que se acovelava às portas, dos risos, rubros das raparigas, das noites que pareciam dias. Pena de sentir deserto onde houve babilônia, de ver tudo escuro, vazio, de encontrar apenas ro-tos sem alma, portas sem gente para entrar, salas grandes, enormes, sem barulho... Saudade... Pena... E tristeza, também! Tristeza do aspecto que a Exposição oferece aos nossos olhos tristes. Por tôda a parte, o mesmo contraste: grandeza e ruína, passado e presente. A grandeza das paredes másculas onde artistas souberam cinzelar poemas inigualáveis de força e de conceito, a grandeza dos pavilhões ainda erguidos que continuam a simbolizar oito séculos de História... Pedras isoladas, pedras aos montões. Fechou para sempre há um ano.



Durante noites e noites, tantas que nem vale a pena contá-las, esta porta foi pequena para a multidão que a desejava passar. Que histórias bonitas contaríamos as portas da Exposição, se soubessem falar... Agora, abrem-se apenas para deixar entrar sacos pesados aos ombros de homens semi-nús... Há salas cheias de sacos... E todos os dias, chegam mais camiões, mais sacos, mais homens de troncos nús... O poema de beleza, a festa de algarazra, o deslumbramento do encanto, substituíram-se pelo poema do trabalho, pelos monossílabos dos homens cansados.



Foi curta a sua existência, mas o «Espelho de Água» tornou-se bem conhecido... Situado ali, à beirinha do rio manso, que lhe passava por baixo, cantando murmúrios dolentes, foi durante algum tempo o restaurante mais pitoresco, mais agradável de Lisboa... Tinha qualquer coisa de sonho, um quê nada irreal... Chegava até a dar a impressão de estar isolado do Mundo, de ser uma ilha, nascida no meio da Exposição... Que noites deliciosas foram vividas no «Espelho de Água»... Música... Sonho... Romance... Hoje, o «Espelho de Água», é isto. Uma casa abandonada. Montes de pedras... Vidros partidos... Ratazanas que correm... Aquelas setas brancas a indicar o caminho, já não têm significação alguma... Acabou-se o romance, o sonho, a música... Apenas, uma casa abandonada. Nada mais! E até o próprio rio manso parece que canta uns murmúrios mais dolentes.

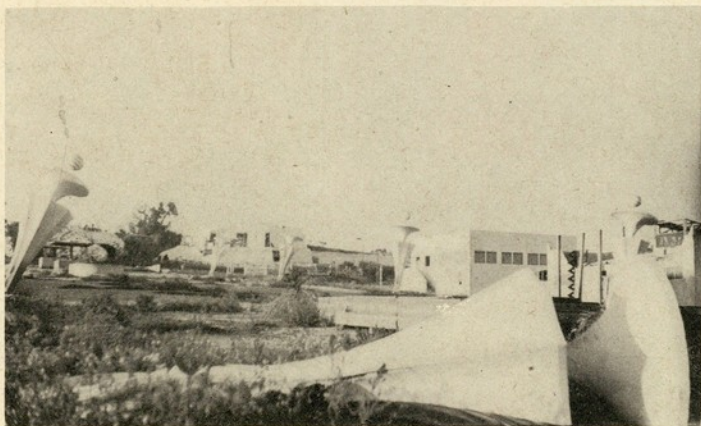
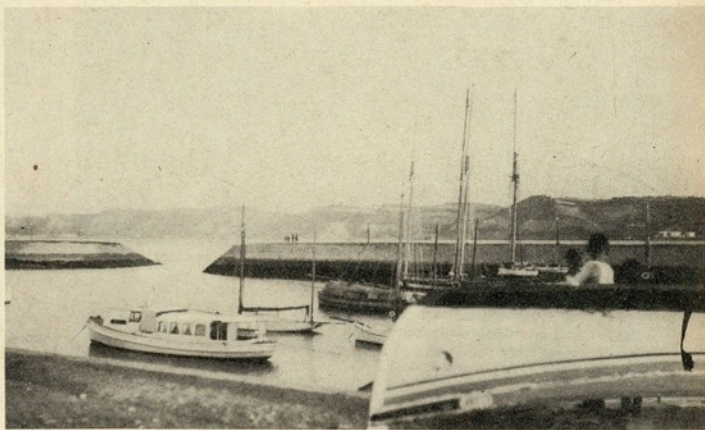


Bem no alto, a estrela era luminosa e bela... Lembremo-nos de certa garota, ladina e esperta, que uma vez, mesmo a nosso lado, perguntou à mãe se «aquilo» era o sol... E, de facto, a estrela era o sol da Exposição. Mais alta. Mais forte. Mais linda. Alguém que partiu para o Brasil, na inesquecível despedida à Embaixada, escreveu depois para Portugal, afirmando que ainda sentia nos olhos a luz daquela estrela... Mas, a estrela já perdeu a luz.

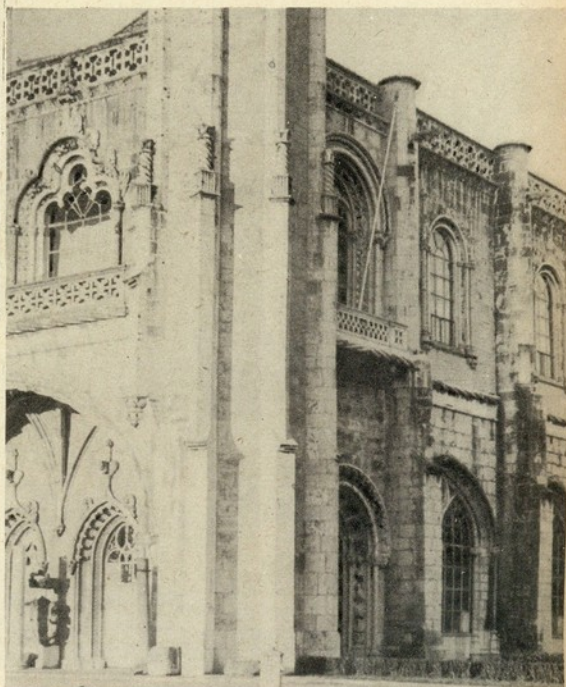


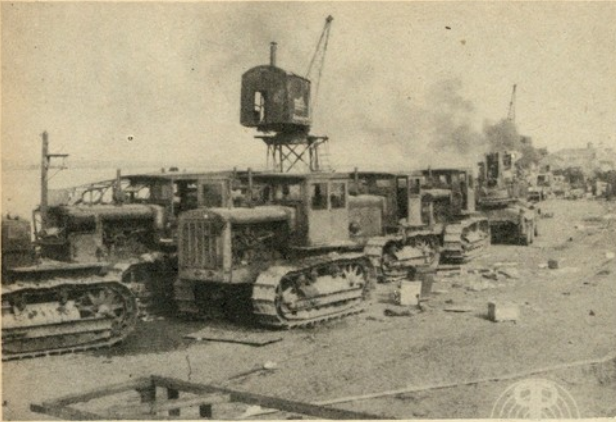
Contudo, ainda há gente que visita a Exposição do Mundo Português. Encontrámos duas senhoras, velhas já, que acabavam de fazer a sua primeira visita ao recinto de Belém... E vinham encantadas... Obstáculos vários impediram-nas de se deslocarem a Lisboa, o ano passado. Ficaram contrariadas. Mas este ano, mal chegaram, correram a Belém... Queriam ver a Exposição, de qualquer maneira. E viram mesmo. Os pavilhões que ainda estão erguidos. O Padrão das Descobertas. As ruínas do que já desapareceu... Todavia, confessaram-se impressionadas. «Devia ter sido admirável, mana...» «É verdade. Tudo tão lindo». E lá se foram, velhinhas e juntas, a permutar confidências do que tinham visto «nesta» exposição do Mundo Português. Deixámo-las, sorrindo... Um sorriso vago, por não lhes poder proporcionar a visão magnífica que as deixaria deslumbradas, extasiadas... Um sorriso igual à nossa saúde feita de pena e de tristeza. Tudo acabou há um ano!

Na pequena enseada que abrigou a nau «Portugal» acotovelam-se barquinhos... Até a enseada parece diferente. Antes, toda ela espelhava os reflexos dourados da nau, essa sumptuosa nau que veio ali representar uma época de audácia e de luxo... Foi uma das primeiras coisas a desaparecer da Exposição... Triunfo efêmero, o da nau «Portugal»... A enseada, cheia de barcos, dá outra ideia, parece diferente... Há barcos estendidos ao sol, dormindo, repousando das lutas com o mar tirano... Há outros que saem e que entram, que ficam e que partem... Mas aqui, nesta enseada, também houve Exposição do Mundo Português... E ficou, lá no extremo da enseada, qualquer coisa de extraordinário, de simbólico, de belo, que perpetua verdadeiramente um esforço gigante e eterno: o Padrão dos Descobrimentos. Quando as penumbras da tarde caem sobre o Padrão, ele fica envolto como que numa névoa de melancolia... É um poema, esse Padrão.



Quando se empurra a porta desengonçada e se deita uma espreitadela lá para dentro, aquilo dá-nos a impressão de um quintal onde qualquer velho faz toca dos seus achados. Na verdade, porém, aquilo representa apenas os restos do Parque das Atracções. Colunas caídas. Janelas sem vidros. Cadeiras sem tempo. Poeira. Ervas. E, principalmente, pedras... Fugimos pela porta desengonçada... E, de súbito, à vista dos Jerónimos, lembramo-nos que aqui foi a Exposição do Mundo Português. Apenas alguns pavilhões continuam de pé... O resto está reduzido a pedras, a ruínas, a recordação... Mas de tudo, há qualquer coisa que ficou, que ficará sempre, aqui, neste recinto imenso: os Jerónimos. Poema de Portugal gigante, ele é uma eterna exposição do Mundo Português. A outra, a bonita, desapareceu... Mas Jerónimos, o mosteiro sagrado, onde a Pátria reza, esse permanecerá, pelos séculos, a testemunhar eloquentemente a presença de Portugal, Jerónimos... A grande, a eterna exposição do Mundo Português... Diante dele, dessas paredes que nos dominam pela grandezça, desses vitrais que nos tornam pequenos, dessa sumptuosidade que chega a emocionar, já não podemos sentir saudades, nem penas, nem tristezas. Aqui, foi a Exposição do Mundo Português, mas, afinal, essa exposição continua... Continua no Padrão das Descobertas, na estrela que há-de voltar a ser Sol e nos Jerónimos. A Exposição fechou há um ano, no dia 1 de Dezembro, mas o Mosteiro nunca fecha!





A CONQUISTA DE ODESSA marcou uma das etapas culminantes da campanha da Rússia. A foto mostra-nos um aspecto do porto de Odessa, depois da ocupação das tropas romenas, vendo-se ainda os restos do armamento soviético.



A BANDEIRA de um dos regimentos romenos, que se distinguiram na batalha de Odessa, é condecorada pelo rei Miguel durante a sua visita à frente.



UMA RUA DE ODESSA, depois da ocupação romena. A cidade retoma a sua vida.

DAVID DA SILVA, L.^{DA}

CAMISEIROS

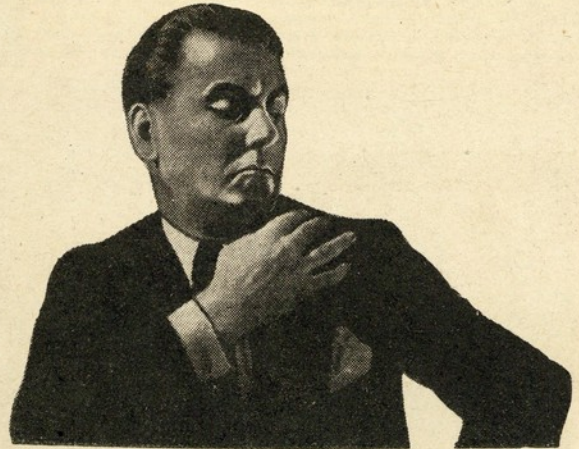
agentes re-
vendedores
da afamada
marca de im-
permeáveis
ingleses

Burberry's

271, RUA DO OURO, 275

LISBOA

TELEFONE 21817



CASPA!

Tome cuidado — é a indicação duma séria doença do couro cabeludo. Se não se acautela, começará em breve a perder os cabelos. Trate-se, pois, enquanto é ainda tempo; é tão fácil: tôdas as manhãs, termina a sua «toilette» por uma fricção na cabeça com PETRÓLEO HAHN que pára a queda dos cabelos, destrói a caspa, faz desaparecer a comichão e fortifica o couro cabeludo.

Recomendado pelo corpo médico, é soberano na conservação, beleza e crescimento dos cabelos.

PETRÓLEO HAHN

À venda nas boas casas de perfumaria, etc.

Depósito: Rua da Assunção, 88 — LISBOA

Se quere passar uma noite animada,
num ambiente de alegria... — vá ao

OLIMPIA CLUB

que tem as melhores Variedades,
Dancing e uma boa Orquestra

RESTAURANTE BAR



MADRUGADA
NO TEJO
Foto J. Kirchner



NA GUERRA, nem tudo é sangue, desolação e lágrimas. Há sempre, em toda a parte, uma nota sentimental ou graciosa. É o caso deste motociclista alemão que nunca se separa da boneca que sua noiva lhe deu como «mascote» e o acompanha em todas as operações arriscadas.



O ALMIRANTE CARLS, num posto de observação, junto de alguns oficiais, durante o ataque à ilha de Oesel pelas forças navais alemãs.

LEIA TODOS OS SÁBADOS «VIDA MUNDIAL», A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS. OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS.

Vinho do Porto "GRAHAM"

DA FIRMA

Guilherme e João Graham & C.^a
VILA NOVA DE GAIA

Agentes em Portugal e Colónias

Guilherme Graham Júnior & C.^a

LISBOA

PORTO

R. dos Fanqueiros, 7-Tel. 20066/7 / Rua dos Clérigos, Tel. 880/1

OURO!!! BRILHANTES!!!

E' sempre um valor real; quem adquire qualquer joia tem sempre uma garantia para o futuro.

Se V. Ex.^a não visitou a Grande Ourivesaria da Moda, é fineza visitá-la. Ali encontrará um colossal e assombroso sortido em artigos de Joalheria, Pratas de Arte e Relógios das mais ajamadas marcas.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257 (Esquina da Rua de S. Justa) LISBOA

NORWICH UNION

FIRE INSURANCE SOCIETY LIMITED

Companhia Inglesa de Seguros com agência em Portugal desde 1824

INCENDIO

AUTOMÓVEIS

BAGAGENS PESSOAIS

AGENTES GERAIS

JAMES RAWES & C.^o

RUA BERNARDINO COSTA, 47, 1.^o

TELEFONE 23232-3-4

LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

Linha rápida da Africa Ocidental e Oriental

"QUANZA"

Sairá no dia 30 de Dezembro pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:

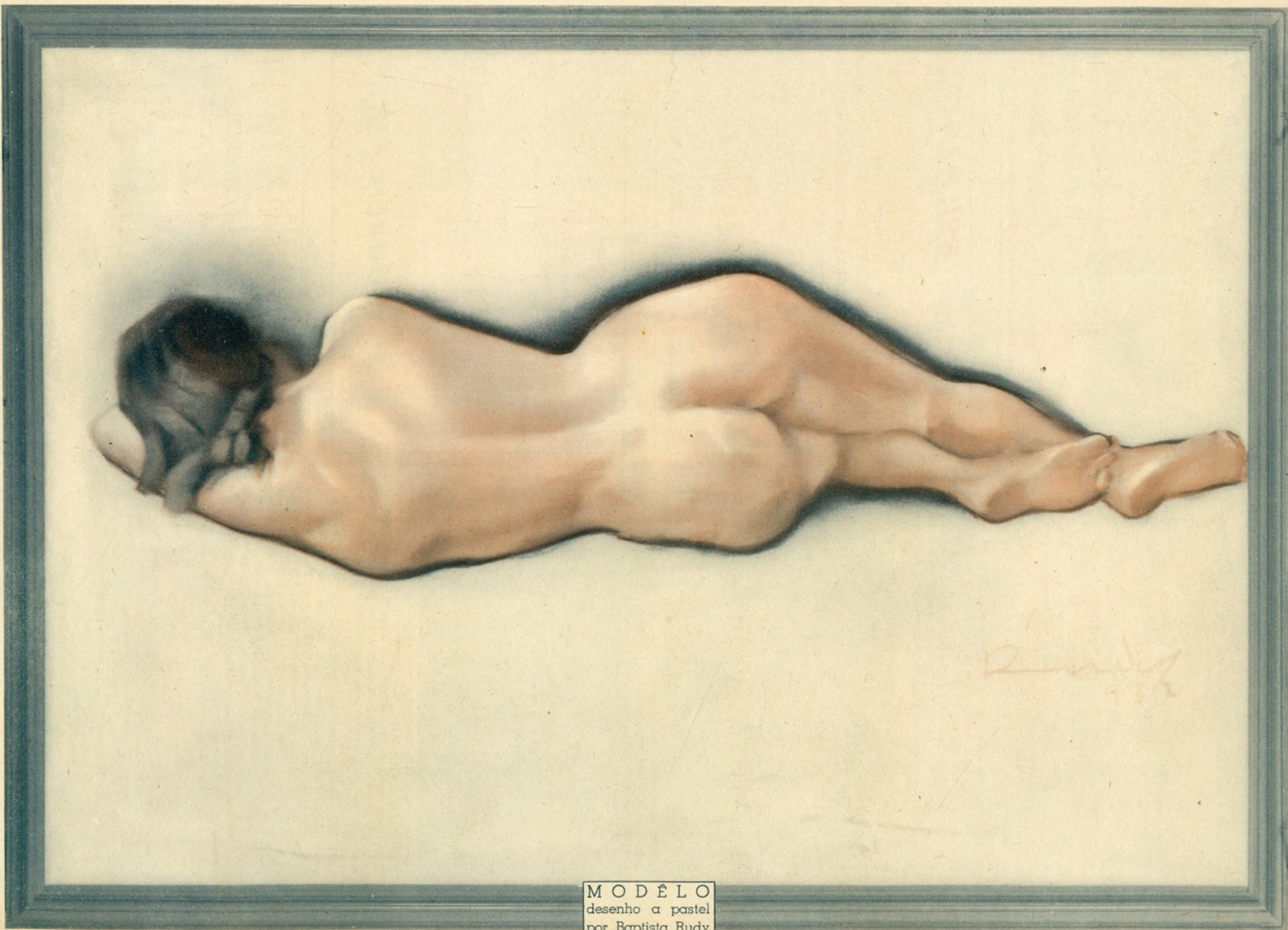
Funchal, S. Tomé, Sazaire, Loanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

IMPORTANTE: — A carga será recebida até às 18 horas do dia 26 e depois desta data até às 20 horas do dia 29 com o aumento de 20%.

Para esclarecimentos e mais informações:

Sede - LISBOA - R. do Comércio, 85-Telefone 23021 (6 linhas)

Suc. no Pôrto - R. Infante D. Henrique, 73 r/c. - Telefone 1434



MODELO
desenho a pastel
por Baptista Rudy

Terras de Sofala e de Manica

Por MARIA MATOS

NAs águas levemente agitadas do Pungué, a lanchasita corta a direito, barulhenta, orgulhosa por levar erguida ao alto, na prôa, a insignia do Governador.

É branca como os cisnes; pulidos, reluzentes os seus metais e a rodazita do leme; atapetada como câmara de gôndola que deslissasse, mansa nos melancólicos canais da Venesa dos Doges, dos sonhos de amor, das pombas de São Marcos...

Como acontece a todos os rios de grande volume e dilatada amplitude, são barrentas as águas do Pungué, ligeiramente encrespadas pela brisa que sôbre elas corre, formando pequeninas vagas que, de quando em quando, se levantam, florindo em crista de espuma, — arremêdo de oceanos que, muito àquém das vastíssimas baías, com elas se confundem.

Tôda cheia de si, como outrôra os bergantins reais, a lanchasita branca, corta, airosa e ligeira êsse vastíssimo estuário donde, a meio, mal se enxergam as duas margens.

Monstros, fêras, escondem-se para lá daqueles matagais profundos que veem morrer à flôr da água, e apenas o recorte duma asa passa sôbre nós, muito alto, no céu azul de turqueza, sem uma nuvem...

Contam-se factos palpitantes, episódios maravilhosos, heroicidades ali vividas, naquelas terras vermelhas de Sofala que, no verão queimam como brasas. Páginas sangrentas, que o valor lusitano soube acrestar ao livro de oiro da nossa história prodigiosa.



Embalada por essas evocações que parecem lenda, tão maravilhosas são, vejo, com a minha alma que reza e sonha, figuras humildes de soldados, homens rudes, singelos e bons que uma hora transformou em mártires, sacrificando-se de bom grado pela grandeza da Pátria estremecida. Escuto, enleuada, dizeres graciosos que fazem sorrir de enternecimento enquanto os olhos se humedecem de pranto:

— Certo soldado que acompanhára o glorioso Caldas Xavier nas suas épicas jornadas através das selvas africanas, que com êle partilhou honras e perigos, apaziguada a última revolta do gentio, volvida a quietação às almas, por aquelas paragens se deixou ficar, acabando seus dias ao serviço de pessoas de família do heróico vencedor. Então, sempre que passava, guiando o carro que conduzia as senhoras suas amas, pelo caminho que defrontava o local onde se desenrolára parte da epopeia sublime, êle, o humilde e obscuro batalhador, levantava-se, respeitoso, e erguendo o chicote ao alto, como se nele visse a arma que em defesa da Pátria com tanto valor brandira, exclamava, no seu falar tão curioso, trêmulo de entusiasmo e de comoção:

— Meninas! Ali foi que êle disse: «Avancem pértugueses! Nan pércamos o nome!».

Quando nestes dias de inverno tão lindos, tão cheios de sol, vejo passar nas ruas, aos bandos, dolentes no andar, olhos mansos e nostálgicos, humildes no aspecto, êsses rapazes vestidos de cinzento que aguardam o momento de embarcar para a África, revejo essas paragens longínquas, recordo as narrativas que ouvi e penso, e digo a mim mesma: quantos heróis ali irão ocultos?! «Renúncia» e «Sacrifício» foram sempre virtudes portuguesas! E sinto, com a maior ternura do meu coração, que hoje como ontem, como amanhã, como sempre, êsses pobres soldadinhos, humildes de aspecto, dolentes no andar, de olhos mansos e nostálgicos, saberão defender êste pedacinho de terra que o mar embala com suas falas de amor, e serão valentes e serão heróicos, porque, acima de tudo, são «Portugueses»!

(Do livro «África», que brevemente será publicado).



CREMES PARA DE DIA E PARA DE NOITE



M'CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza
Rainha da Hungria

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

Sociedade Astória Limitada

TRABALHOS PARA O COMÉRCIO E INDÚSTRIA — LIVROS, JORNAIS E REVISTAS — ENCADERNAÇÕES SIMPLES E DE LUXO — PAUTAÇÃO SIMPLES E ARTÍSTICA — COMPOSIÇÃO MECÂNICA EM MÁQUINAS «INTERTYPE» — IMPRESSÃO EM MÁQUINAS AUTOMÁTICAS DAS MAIS APERFEIÇADAS — IMPRESSÃO A OURO, PRATA E RELEVO — PERFEIÇÃO ABSOLUTA EM TODOS OS TRABALHOS — RAPIDEZ E ECONOMIA — PESSOAL TÉCNICO HABILITADO.

Artes Gráficas

Regueirão dos Anjos, 68 — LISBOA — Telefone 4 3258



Para se vestir com elegância, economia e perfeição, bastam duas coisas: boas fazendas e um bom alfaiate.

Ora é isso que encontra na

Rua Arco Marquês de Alegrete, 20, 1.º

ALFAIATES

GOUVEIA & DIAS L.^{DA}



Use só lentes de boa qualidade

Exacta, L.^{DA}
OCULISTAS

Depositária das lentes ZEISS

Se os óculos de V. Ex.^a não acompanham a evolução da moda, porque os não moderniza? Encontra V. Ex.^a os mais finos modelos, assim como todos os artigos da especialidade, na

Rua Eugénio dos Santos, 50 — LISBOA
Telefone 27932



B.B.C.
A voz de Londres
fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING»,
semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.
A' venda nas principais tabacarias e na Livraria
Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

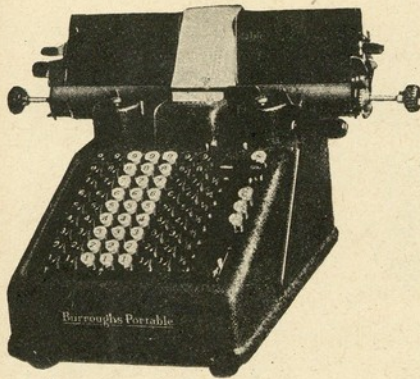


MARECHAL PÉTAIN
Chefe do Estado francês



SOBERANAS DA EUROPA
A Rainha Isabel de Inglaterra

Burroughs



Não se perde tempo
a escrever zeros
nas somadoras

Burroughs

MÁQUINAS DE:
Somar, calcular, contabi-
lidade e facturas

Mais de 400 Modelos

Agente no Pôrto:

**J. M. GONÇALVES
DE AZEVEDO**

R. José Falcão, 177
— TELEFONE 4007 —

Agentes gerais:

ROBINSON BARDSLEY & C.º L.ª

Cais do Sodré, 8-1.º — LISBOA — Telefones 2 4011-12-13

SEGUROS



A MUNDIAL
O MAIOR ORGANISMO SEGUHADOR PORTUGUÊS

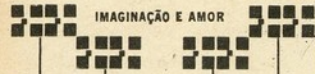
Capital 5.500 contos

Sinistros pagos
(até 31 de Dez. 940)
116.877 contos

Reservas 51.524 contos

Séde em Lisboa: Largo do Chiado, 8
Filial no Pôrto: P. Gomes Fernandes, 10

AGENTES POR TODO O PAIS, ILHAS E AFRICA



LINDA LISBOA

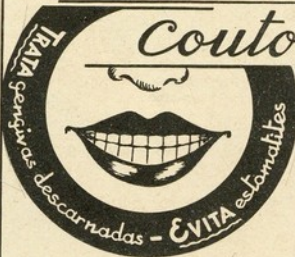


EDIÇÃO DO AUTOR
SÉCULO XX-ANO 41 de Maio de 1940 - PREÇO-10 ESCUDOS

HINOS de alegria, sonhos de amor e cânticos da mocidade a ecoar nas perspectivas duma cidade maravilhosa.

O ROMANCE DUMA ÉPOCA

PASTA MEDICINAL



A COMERCIAL

Empréstimos sobre penhores

18, Travessa da Trindade, 22 — Esquina da Rua Nova da Trindade
(Junto ao Chiado)

TELEFONE 2 5082

Electua transacções sobre todos os penhores que ofereçam garantia, ao juro da lei.

Dispõe de boa e moderna casa forte para segurança de todos os objectos de valor

Capattaria
Contente, L.ª

Grande prémio de honra na Exposição Industrial Portuguesa

**CALÇADO DE LUXO
MALAS / LUVAS**

R. DO CARMO, 74 • R. DE SANTA JUSTA, 98-100

TELEFONE P. B. X. 2 4871

LISBOA



FUNDADA EM 1845

Fundos acumulados £ 51.000.000
EFECTUA SEGUROS CONTRA
FOGO E MARITIMOS
INCLUINDO O RISCO DE GUERRA

Agentes Gerais:

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.º

Secção de Seguros

Rua de S. Paulo, 55-1.º

LISBOA

TELEFONE 26704

REBUÇADOS

«AGUIA»

Os preferidos pelo seu escrupuloso fabrico e excelente conservação
Peçam-se em tôdas a parte as consagra-
das especialidades:

SÃO BRAZ

SEIVA DE PINHEIRO

AVENCA

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

FABRICA AGUIA

LISBOA—PORTO

ERNESTO FERREIRA, L.ª

Rua Vieira da Silva, 32

LISBOA

Simões & C.ª, L.ª

FUNDADA EM 1907

A MAIS IMPORTANTE FÁBRICA DE ARTEFACTOS
DE MALHA DO PAÍS. — FABRICAÇÃO
DE MEIAS, PEÚGAS, CAMISOLAS E ROU-
PARIA DE MALHA PARA HOMENS, SE-
NHORAS E CRIANÇAS, EM ALGODÃO, Lã E SEDA

Criadora da bem conhecida e acreditada meia
SUPER «KALIO» e das roupas «SUPREMA»

MULHER
PORTUGUESA
Foto Mário Novais

